

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Anderson Machado

“Eu andarei vestido e armado com as armas de Jorge”: Trajetória religiosa de Mãe Preta D’Ogum e o uso do alimento no Reino de Ogum, iansã e Exú Tiriri na cidade de Arroio Grande - RS

**Jaguarão
2023**

Anderson Machado

“Eu andarei vestido e armado com as armas de Jorge”: Trajetória religiosa de Mãe Preta D’Ogum e o uso do alimento no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri na cidade de Arroio Grande/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História

Orientador: Prof^a. Dr^a. Letícia de Faria Ferreira

**Jaguarão
2023**

Anderson Machado

“Eu andarei vestido e armado com as armas de Jorge”: Trajetória religiosa de Mãe Preta D’Ogum e o uso do alimento no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri na cidade de Arroio Grande/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.


Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04, Dezembro de 2023.

Banca examinadora:



Prof^a. Dr^a. Leticia de Faria Ferreira

Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam – UNIPAMPA

Documento assinado digitalmente



VINICIUS PEREIRA DE OLIVEIRA

Data: 13/12/2023 12:55:24-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vinicius P. de Oliveira
IF-Sul - Campus Visconde da Graça

M113" Machado, Anderson

"Eu andarei vestido e armado com as armas de Jorge":
Trajetória religiosa de Mãe Preta D'Ogum e o uso do
alimento no Reino de Ogum, iansã e Exú Tiriri na cidade
de Arroio Grande - RS / Anderson Machado.

59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)--
Universidade Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2023.

"Orientação: Letícia Faria Ferreira".

1. Religião afro gaúcho. 2. etnografia. 3.
autoetnografia. 4. alimentos sagradas. 5. Batuque. I.
Título.

Dedico este trabalho a minha avó, a pessoa que mais me incentivou nos estudos.

AGRADECIMENTO

Neste momento peço Agô aos Orixás e aos ancestrais para proferir os meus sinceros agradecimentos, pois chegar neste período de construção do temido Trabalho de Conclusão de Curso faz com que a gente reflita sobre essa trajetória, e as pessoas que foram fundamentais para a construção desta pesquisa.

Primeiramente quero agradecer ao bem mais precioso que carrego comigo, o meu Pai Oxalá, que se não zelasse por mim eu com certeza não estaria aqui escrevendo os agradecimentos. Estendo ao nosso grande Pai Ogum, pois a honra de viver embaixo dessa bandeira fez com o que a minha vida se tornasse totalmente com sentido.

Agradeço os demais guias que sempre estiveram me cuidando e antecedendo o meu caminhar, fazendo com que todos os momentos de fraquezas nos quais eu não acreditava na minha capacidade, eles me fizeram perceber que eu sou capaz de coisas que não imagino.

Agradeço também as minhas mães, pois na minha vida eu fui agraciado de ter mulheres guerreiras que contribuíram na minha construção de identidade, de me entender como Anderson. A minha avó, eu dedico todo esse meu esforço, pois com ela eu aprendi o real sentido do que é amar alguém e ser amado, bem como a necessidade de nunca desistir dos nossos sonhos, e o fato de me formar é a realização de um sonho nosso, espero que onde tu estejas tu sintas orgulho de mim. A minha mãe Carnal, Ana Paula, eu sou grato por tudo que fizestes por mim, e por aquilo que ainda farás, eu te amo demais, mesmo as vezes não demonstrando o quanto deveria. A Mãe Preta D'Ogum, eu não tenho palavras que possam mensurar o carinho, amor e o respeito que eu sinto pela senhora, a dedicação que a senhora depositou em cuidar de mim nos momentos necessários, assim como nessa pesquisa fez com o que eu sentisse que estava no local exato, na hora exata. Amo muito a senhora e obrigado por tanto.

Agradeço também a minha orientadora Prof^a Dr^a Leticia de Faria Ferreira, que sempre esteve à disposição de me auxiliar tanto na construção desta monografia, como também desempenhando papel de amiga psicóloga que fez eu me acalmar nos maiores momentos de euforia, muito obrigado por toda a calma que teve comigo nesse processo. Tu vales ouro.

Ao Prof. Caiuá Cardoso Al-Alam, que sempre me instigou no campo da pesquisa, as nossas conversas fundamentais que ocorriam em intervalos de aula onde demonstravas um grande interesse sobre o assunto, me faziam sentir que estava no caminho correto. A toda a dedicação com o nosso GEESPA, sem você a frente dele nada teria sido possível. Muito obrigado por tudo!

Aos demais Professores, obrigado por contribuírem na minha construção acadêmica, um aluno que entrou sem muita perspectiva no curso acabou se encontrando e hoje não pensaria estar em outro campo de atuação se não este.

Agradeço também aos meus irmãos de santo, aqueles que estiveram me acompanhando desde o início do curso e no início da pesquisa que resultou nessa monografia, eu amo todos vocês, em especial a Clarisse que sempre se colocou à disposição de me auxiliar quando eu mais precisava, nos momentos de maior sufoco na construção deste trabalho e no auxílio das normativas que ela domina como ninguém.

Agradeço ao Mayson, pois foi através dele que conheci essa família que logo se tornaria minha família também, tenho muita gratidão em tê-lo na minha vida mesmo que as circunstâncias as vezes demonstrem ao contrário.

Aos meus colegas de turma, eu agradeço imensamente pelos momentos que passamos juntos, pela parceria e pela amizade que construímos. Ao Guilherme, Hérica, Leonardo, Mateus e Ângelo, saibam que eu tive a honra de ter vocês em meu caminho, e me sinto muito contente de que de alguma forma as nossas trajetórias se cruzaram, torço muito pelo sucesso de cada um de vocês.

Ao meu grupo de amigas apocalípticas preferidas: Bruna Mena, Bruna Espindola, Eduarda e Isadora. Agradeço por todas as brigas, risadas e trocas que tivemos dentro da Unipampa, e também na parte de fora dela, a amizade de vocês sempre carregarei comigo. Amo vocês muito mais do que vocês imaginam. E agradeço também a tia Cátia, com o seu jeitinho delicado de ser, sempre me trouxe para a realidade quando estava preste a embarcar em uma onda de devaneios, porém com muito carinho e ternura.

Ao meu GEESPINHA, em especial ao Vinicius, com a sua amizade e pelas trocas que tivemos neste anos de grupos, tu é incrível e um cara gigante.

Aos meus amigos Janaira, Wéllerson e João Pedro, muito obrigado por se tornarem a minha rede de apoio de TCC, sempre elevando o meu pensamento e

fazendo com o que eu não desistisse desta pesquisa, vocês são demais e tenho a honra de tê-los em minha vida.

E por fim, e não menos importante a minha família “Os lumeiros” do Fogo de Chão, nunca imaginei que estaria habitando um espaço de CTG novamente, mas vocês foram responsáveis por tornarem todo essa trajetória mais tranquila e menos sofrida, vocês moram no meu coração, “minhas vidas!”

“Kó l’imò kó l’imó kún;

F’ara rá ìjókó l’imò kún f’ara rá yí

(Recolhe o conhecimento e nos preencha
com ele;

Usa o corpo arrastando-o á dança,
recolhe o conhecimento e nos preencha
com ele)”

Reza de Oxalá

RESUMO

O presente estudo buscou relatar a trajetória e experiências religiosas de Mãe Preta D'Ogum e a constituição do espaço do terreiro chamado Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri na cidade de Arroio Grande/RS. Dentro deste contexto descrevo a religiosidade no estado do Rio Grande do Sul, dando ênfase no Batuque e a importância da culinária nestes preceitos. A culinária se vê presente a todo momento nestes espaços e é a parte mais importante para o funcionamento e a condução da casa de religião, aparecendo de formas distintas, sejam elas para realizar oferendas, como também para realizar limpezas tanto do corpo humano como do espaço físico do terreiro. Trata-se da maneira como ocorre a sacralização de animais, que também correspondem a um ato de alimentar, porém do alimento astral. A culinária também é um agente de socialização, pois através das comidas produzidas coletivamente e distribuídas a população presente nas festas realiza-se um ato de fraternidade.

Palavras-Chaves: Alimento, Religiosidade, Trajetória, Batuque.

RESUMEN

El presente estudio buscó relatar la trayectoria y las experiencias religiosas de Mãe Preta D'Ogum, y la constitución del espacio terreiro denominado Reino de Ogum, Iansã y Exú Tiriri en la ciudad de Arroio Grande/RS. En este contexto, describo la religiosidad en el estado de Rio Grande do Sul, destacando el Batuque y la importancia de la cocina en esos preceptos. La cocina está presente en todo momento en estos espacios y es la parte más importante del funcionamiento y gestión de la casa de religión, apareciendo de diferentes formas, ya sea para realizar ofrendas o para limpiar tanto el cuerpo humano como el espacio físico. del terreiro, y además de la forma en que se produce la sacralización de los animales, que también implicó un acto de alimentación, pero de alimento astral, la cocina es también un agente de socialización porque a través de los alimentos producidos colectivamente y distribuidos a la población presente. en las festividades celebradas - un acto de fraternidad.

Palabras clave: Comida, Religiosidad, Trayectoria. Batuque

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Na foto, da esquerda para direita: Pai Toni, amigo e Padrinho de Mãe Preta e a sua Mãe de Santo Mãe Ema de Xangô e por último Mãe Preta D'Ogum p. 26

Figura 2 – Registro do momento no qual Mãe Preta está apresentando o seu axé de faca, e ao seu lado Pai Toni de Ogum (In memoriam) que era seu padrinho. p.27

Figura 3 – Primeiro registro da casa de Mãe Preta na Federação Sul Rio Grandense de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros. p. 28

Figura 4 – Quadro localizado acima da porta do Quarto de Santo. p. 32

Figura 5 – Roda de Batuque. (Registro 04 de novembro de 2021). p 45

Figura 6 – Amalá de Xangô (Registro 04 de dezembro de 2021). p.50

Figura 7- Mesa de Ibeji realizada no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri em 17 outubro de 2020. p 51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1 - Revisão historiográfica sobre o Batuque	16
1.1 Religiões de Matriz Africana no Rio Grande do Sul.	20
1.2 - Arroio Grande também tem Axé - Cultos Afro-Religiosos na cidade	21
Capítulo 2 - E assim se fez de Ogum: A vivência da Mãe de Santo mais “experiente” da cidade de Arroio Grande, e o surgimento de um terreiro.	25
2.1. Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri e suas partes espaciais.....	29
2.2. O despertar para o Orixá: Iniciação do filho de santo no Batuque.....	33
2.3. As etapas que o filho de santo precisa percorrer para o seu apronte.....	34
Capítulo 3 - O uso do alimentos como oferendas e revitalização do corpo	38
3.1. Para ter o Quatro Pé, tem que calçar a casa.....	40
3.2. Para deitar tem que estar puro. O processo da construção da Limpeza dos Orixás	43
3.3. CHEGOU O GRANDE DIA! Descrição dos festejos de Batuques no Reino...	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	56
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

A cidade de Arroio Grande está inserida no espaço do campo afro-religioso conhecido como Batuque, tema deste trabalho de conclusão de curso. Nesse primeiro momento, vamos localizá-la geograficamente e demograficamente. As informações, retiradas do livro “A Produção do espaço: Geografia histórica da cidade de Arroio Grande (RS)” de Victor Faria Schroder, que diz que:

O município de Arroio Grande está localizado no Sul do Estado do Rio Grande do Sul, fazendo fronteiras: ao Sul com Jaguarão, a Oeste com Herval, a Norte com Pedro Osório e Capão do Leão e a Leste com o Canal São Gonçalo e a Lagoa Mirim. Disto cerca de 300 km da capital do estado e 550 km de Montevideú. Em 1858, Arroio Grande tinha cerca de 3929 habitantes e 1833 deles eram negros.(SCHRODER. P.31).

Segundo o último censo realizado em 2022 pelo IBGE, a cidade de Arroio Grande atualmente conta com 17.558 habitantes, e não se encontra registro realizado por ele que traga a informação de porcentagem de pessoas que se auto declaram como pessoas pretas ou pardas, porém o contingente dessa população é notoriamente grande, e este aspecto perpassa a uma perpetuação da trajetória histórica do povo preto na cidade, já que o contingente de escravizadas/os nesta cidade era muito grande.

Logo após o término da Revolução Farroupilha, no ano de 1846, finalmente Arroio Grande foi elevado a freguesia e dividida em dois distritos, um ano após possuía 1.616 habitantes, entre livres, libertos e escravizados, e uma década após, o número de habitantes salta para 3.929, só que neste momento o maior contingente populacional é situado no segundo distrito, 2.048 habitantes, destes 1.144 eram escravizados, já no primeiro distrito haviam 609 escravizados (FIGUEIREDO, 2019)

Desse modo, mesmo que brevemente, conseguimos perceber que Arroio Grande se fez muito presente no processo do tráfico transatlântico, posto que havia relação direta com o porto de Jaguarão, conhecido como “terceira perna” do tráfico. Nesse porto, escravizados recém-chegados de África nos portos de Rio de Janeiro e Salvador, vinham a ser comercializados em Jaguarão. O local das suas comercializações se realizavam na Praça do Desembarque, por isso até a contemporaneidade paira no imaginário coletivo a utilização dos “grilhões” que estão depositados nas figueiras que tem na praça, já que grande parcela da população acredita que seria para prender os escravizados que seriam comercializados, bem como outra parcela defende a ideia de ser utilizado para prender cavalos, tendo em vista que a praça é localizada ao lado do mercado público municipal de Jaguarão

(AL-ALAM, 2002, p. 10. in. Territórios Negros de Jaguarão). O fato aqui não é discutir o uso dos grilhões e sim perceber que havia vendas de escravizados na cidade de Jaguarão, e logo esse fato pode ser relacionado com o número de escravizados que se instalaram posteriormente na cidade de Arroio Grande, já que aqui na cidade também houve charqueadas e é uma localidade que era passagem para o maior centro de venda do charque, Pelotas. Ponderamos que, com esse grande contingente de escravizados, era provável que já haviam cultos aos orixás na cidade de Arroio Grande no século XIX, mesmo que ainda não se tenha nenhum registro histórico.

Dentro disso, esta monografia busca apresentar as religiões de matriz africanas dentro da cidade, especificamente ao Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, sendo comandada pela Mãe de Santo mais velha de Arroio Grande. Através destes relatos poderemos traçar um pouco da História da religiosidade em solo arroio-grandense desde que se tem notícias, e para a realização desta pesquisa contei com o auxílio de um trabalho historiográfico e etnográfico, onde por meio deste último pude presenciar e participar de inúmeras conversas que me proporcionaram realizar a coleta de informações que apresento neste trabalho.

O primeiro capítulo desta monografia se desdobra em três partes: na primeira trago uma revisão sobre o Batuque dentro do Rio Grande do Sul, com as suas vertentes e principais personalidades que contribuíram para a implementação dos cultos no estado. Na segunda parte, apresento outras religiosidades afro que se tem dentro do estado, e que em sua maioria coabitam o mesmo espaço que o Batuque habita. Na terceira parte, discuto a vinda da religião afro-gaúcha, o Batuque, para a cidade de Arroio Grande.

O segundo capítulo trata da apresentação da senhora Maria Iolanda Lemos Gonçalves, conhecida popularmente como Mãe Preta D'Ogum, no subcapítulo seguinte eu apresento o Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri e a sua distribuição estrutural na casa. O segundo subcapítulo é destinado a etnografia com os iniciados dentro da casa e o último subcapítulo trata dos preceitos religiosos, chamadas de obrigações que os iniciados precisam passar em sua trajetória religiosa.

Neste capítulo busco demonstrar a forma que foi construída esta pesquisa, e os relatos dos meus diários de campo, onde as informações eram anotadas em meio de falas de Mãe Preta, sendo elas realizadas particularmente a mim, como falas que eram proferidas em momentos coletivos, como no início de preceitos ou até mesmo em conversas com uma quantidade significativa de filhos de santo.

Neste momento também trago relatos próprios, já que sou iniciado pelas mãos de Mãe Preta, e sou residente da casa, logo muitas informações estão intrínsecas nos meus conhecimentos adquiridos por estar envolvido no meio onde estou pesquisando, assim realizo o processo autoetnográfico, onde busco relatar de forma singela as minhas experiências dentro do campo afro religioso gaúcho.

O terceiro capítulo será onde discutirei a forma que o alimento é visto dentro do Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, nos subcapítulos tratarei da forma que o alimento também é um produto para realizar certas comidas que podem ser usadas como seguranças para que a influência negativa não se instale dentro do terreiro, bem como a comida serve para realizar a limpeza do corpo e do espírito dos filhos. E, por fim, descrevo como acontece o momento considerado de maior importância dentro do Batuque: a festa destinada aos Orixás.

Capítulo 1 - Revisão historiográfica sobre o Batuque

É sabido que a presença da população negra se deu através do processo de diáspora negra no Brasil pelo tráfico transatlântico onde muitas negras e negros de diversas regiões da África foram trazidos para efetuarem trabalhos na condição de escravizados. Estima-se que entre os anos de 1525 e 1851, mais de 5 milhões de negros habitavam solos brasileiros, morando em senzalas e quilombos. O primeiro registro que temos da chegada do povo escravizado em solo gaúcho ocorreu no ano de 1737, com a fundação do Forte de Jesus na Barra de Rio Grande, realizado pelo brigadeiro José da Silva Paes, cuja tropa era composta por homens libertos e escravizados. Com isso, o Rio Grande do Sul começa explorar mão de obra escravizada, como diz Beatriz Loner “praticamente não houve profissão manual que não tivesse representantes dessa etnia em seu desempenho, tanto no período imperial quanto na República” (LONER, 1999:9).

Acredita-se que tanto dentro dos navios do tráfico, bem como o contato de várias etnias africanas, os costumes africanos começaram a ser difundidos em solo brasileiro, bem como no estado do Rio Grande do Sul. Assim, a presença da religiosidade africana dentro do estado é justificável, bem como a criação de uma religiosidade própria conhecida como Batuque do Rio Grande do Sul. A criação desta denominação religiosa é muito relevante, muitos dos adeptos defendem que a religião é puramente gaúcha, outros como Hendrix Silveira apoiam a ideia de desta criação ter se dado como uma herança direta desse processo diaspórico, como podemos apreciar em sua dissertação de mestrado a ideia de que

O que mais escutamos no meio batuqueiro é que o Batuque é uma religião gaúcha, ou seja, criada aqui no Rio Grande do Sul por gaúchos. Essa “teoria” muito divulgada no meio é permeada por valores do gauchismo como o ufanismo separatista típico nesse estado. Em “Não somos filhos sem pais” defendemos que o Batuque não se autogerou neste estado. É uma tradição que possui uma história que nos remete ao povo africano e sua cultura. (SILVEIRA, H. p. 13)

Assim para melhor contextualizar compreendemos que os escravizados provenientes da África advinham de várias regiões, sendo elas principalmente os Bantos e Sudaneses. Os sudaneses africanos residiam na região conhecida por antigo Sudão, onde agora estão localizados a República de Benin, Togo, Camarões e Gana. Entre os grupos mais representativos vindo de África estavam os Jejes e os Nagôs, também conhecidos como Iorubás. Estes povos trouxeram consigo seus costumes, crenças e religiões. Mesmo com todas as adversidades conseguiram cultivar suas divindades em solos brasileiros e construíram mecanismos para

amenizar perseguições frequentes aos seus cultos, um destes foi a introdução da cosmovisão católica em seus ritos, criando vínculos dos seus orixás aos Santos Católicos. (CORRÊA, 2007)

O Batuque, diferentemente de outras denominações religiosas as quais serão apresentadas mais adiante neste trabalho, funciona em torno dos Orixás, e elas correspondem as regiões oriundas de África, assim em solo gaúchos é comum ver casas de Batuques que se denominam jejês, nagôs, ijexás, cabinda e oyó.

Pensar na origem do Batuque no Rio Grande do Sul exige profundidade na investigação, pois segundo o historiador Marco Antônio Lirio de Mello (Mello, 1995) a fundação dos primeiros terreiros em solo gaúcho data do início do século XIX, na região de Pelotas. Norton Corrêa também contribui com este dado ao relatar que, após o declínio das charqueadas, por volta do ano de 1850, ocorreu uma grande desocupação da mão de obra do trabalho escravizado, fazendo assim que essa população se deslocasse para outros lugares. Entende-se assim que essas populações tiveram refúgios nos vilarejos remanescentes, assim como em Rio Grande, porto de grande contingente de escravizados, e com isso poderiam ter tido contato com outras formas culturais, podendo contribuir com a formação das religiões dos segmentos do Batuque praticadas na região.

Este dado vai ao encontro com um debate sobre qual a vertente religiosa teria surgido primeiro no Brasil, costuma-se crer que o Candomblé teria sido a primeira a ser estruturada dentro do país, já que o primeiro terreiro de Candomblé foi fundado em 1833. Porém, há estudos que apontam que o período de 1833 a 1859 como sendo a data mais remota no qual pode se supor que poderia ter sido fundado o primeiro templo de Batuque na zona das cidades de Rio Grande e Pelotas, (CORREA,1998). Segundo os relatos orais, quando questionado aos pais de santos mais antigos, muitos deles até hoje remetem a cidade de Rio Grande como um berço do Batuque, pois acredita-se que os ancestrais eram vindouros daquela cidade. Precisamos atentar que a região de fronteira com o Uruguai foi palco de inúmeras fugas de escravizados que almejavam atravessar a fronteira em busca de sua liberdade, já que no Uruguai a escravidão foi abolida em 1842, assim, grande parte desses escravizados se deslocaram para essas regiões, e conseqüentemente traziam consigo todos os seus cultos religiosos. Caratti (2023) em seu livro O Solo da Liberdade apresenta as motivações de fugas de pessoas escravizadas através da fronteira ao relatar que

A fuga entre os escravos também ocorria quando pensavam que seriam vendidos e, por conseqüência, separados de seus laços familiares. Para os

escravos, não havia situação mais indesejada do que ser vendido para outro proprietário e perder todas as pequenas (e fundamentais) conquistas obtidas no cativeiro anterior. Outro fator que desencadeou as fugas eram os maus-tratos recebidos pelos escravos, que ao não concordarem com repreensões e castigos (que iam além do permitido pelas leis), fugiam. (CARATTI, 2023, p. 120-121, apud LARA, Sílvia. 1988)

Quanto a questão do fundador do Batuque, percebe-se que houveram grandes nomes como precursores de cada vertente, um dos maiores nomes dentro dos cultos ligados ao Batuque gaúcho está o de Waldemar do Xangô Kamuká no qual ficou conhecido como o implementador da Cabinda, seguimento religioso que mais cresce dentro do Estado. Desse modo, para pensar na fundação do Jejê em solos gaúchos têm-se duas hipóteses que ganharam mais notoriedade: uma delas é que possivelmente teria sido criado por uma mulher que veio da região de Pernambuco para o Rio Grande do Sul e que supostamente não seria africana, ou que no mínimo estaria a muitos anos morando no Brasil, pois caso ao contrário o Batuque não teria tantas semelhanças com o Xangô de Pernambuco. E, considerar a criação de uma religião ao papel feminino, faz com que consigamos perceber o papel desempenhado pelas mulheres dentro das casas de religião, sendo assim, é mais habitual encontrar uma Mãe de Santo à frente de um terreiro do que um Pai de Santo. As mulheres são um número mais expressivo dentro destes âmbitos. (CORRÊA, 1989)

A outra hipótese de fundador está diretamente ligado a Osuanlele Okizi Erupê, que adotou o nome de Custódio Joaquim de Almeida em terras brasileiras, porém se tornou mais conhecido como Príncipe Custódio, foi uma figura significativa e emblemática quando se trata da ideia de fundador do Batuque do Rio Grande do Sul. Originário da cidade de Benin, na Nigéria, exilou-se em terras gaúchas por motivos de fuga política no final do século XIX. Faleceu com 104 anos e teve um papel de auxiliar espiritual das principais referências políticas da época como Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e José Gomes Pinheiros Machado. (NUNES, 2007).

Segundo Maria Helena Nunes (2007) o Príncipe Custódio desembarca em terras brasileiras no final do século XIX, assim ela traz as datações de

[...] 02 de setembro de 1898, Custódio chegou ao Brasil, desembarcando primeiramente na Bahia, mas rumando para o Rio de Janeiro e, por fim, para o Rio Grande do Sul. Em 07 de setembro de 1899, chegou na cidade de Rio Grande Neste município, permaneceu pouco tempo: até 1900 [...] em outubro de 1900, mudou-se para Pelotas e, em janeiro de 1901, foi para a cidade de Bagé. Nesta cidade, ainda hoje, existe o “Passo do Príncipe”, em sua homenagem. Em 4 de abril de 1901, chegou a Porto Alegre, onde

encontrou um “porto seguro”, pela receptividade encontrada junto às elites políticas locais (NUNES, 2007. p. 114, 115).

Porém, existe uma divergência de dados sobre os dados do príncipe perante as suas datas, recentemente foi publicado um livro de autoria de Jovani Scherer e Rodrigo Weimer (2021) sobre a sua trajetória no Estado de Rio Grande do Sul, neste livro existem outras datações em que se pode perceber a presença de Custódio. Existem evidências de que no ano de 1891, ele estaria procurando por um cavalo malacara perdido, este anúncio estaria estampado no jornal a Federação (Scherer, Weimer 2021), dado que vai de encontro com as datas já firmada por Helena Nunes, mostrando que ele já estava habitando na capital gaúcha anteriormente à data apresentada pela autora.

Custódio residiu no bairro chamado Cidade baixa de Porto Alegre, ele se instaurou neste local logo de sua chegada após o início do processo de pós-abolição, momento em que a estrutura urbana da Capital gaúcha estava sofrendo grandes alterações e adequações de cunho de segregação racial, assim a residência de Custódio na cidade Baixa não foi fortuita, já que era comum a modalidade de colocar a população negra a morarem nas margens da cidade.

Maria Helena Nunes também contextualiza a forma como se deu o segmento religioso de Custódio através de entrevistas realizados com o seu filho Dionísio, onde ele diz que havia filhos de santo, porém uma comissão de conselheiros que era composta por 48 fiéis que o acompanharam até a sua chegada em Porto Alegre. O grupo era chamado de Eghaebo e suas reuniões eram secretas e possivelmente estavam ligados a terra (Lloyd, 1987). Logo a autora traz a informação de que

As tradições religiosas no Rio Grande do Sul, sofreram desde então algumas alterações, como, por exemplo, o rito glafê deixou de existir, e o rito jeje misturou-se ou fundiu-se com outras nações (oió, ijexá, cabinda, nagô), provavelmente por não ter sequência com a família sanguínea de Custódio. (NUNES, 2007. p. 128).

Nunes explica que as nações que compunham o dito Batuque do Rio Grande do Sul em algum momento entraram em contato, havendo muitas interações entre elas, e com isso as casas puderam introduzir em seus ritos particularidades de todas as nações, logo afirmando de que não há mais uma vertente do batuque totalmente pura, bem como uma vertente ligada diretamente ao Príncipe Custódio, já que seu filho Domingos em entrevista disse que

[Domingos] achou bom despachar grande parte do que pertencia a Custódio [...], quando os conselheiros e grande parte de seus filhos haviam morrido. Por que isto aconteceu? Porque não havia mais os chefes legítimos e seus

sucessores para darem continuidade a ancestralidade sagrada de Custódio. (13 jul, 1986. NUNES, 2007, p. 128).

Assim, logo após a morte de Príncipe Custódio, em 1935, os integrantes deste conselho que o acompanhavam se espalharam por bairros da cidade de Porto Alegre, sendo assim acredita-se que possa ser desta forma que a vertente jeje tenha criado notoriedade dentro do espaço de culto afro gaúcho.

1.1 Religiões de Matriz Africana no Rio Grande do Sul.

Para compreender a complexa e multivariada cosmovisão afro religiosa gaúcha, no decorrer desta monografia irei trazer outros estudiosos destas temáticas para o diálogo. Deste modo, além do Batuque, no estado podemos presenciar uma forte presença do Candomblé, logo é importante ressaltar que os moldes não se dão idênticos aos que se encontram na Bahia ou em outras regiões do país, considerando que os rituais são atravessados pelo impacto cultural da região. Para compreender a forma que ocorre os cultos do Candomblé no Sul podemos usar o trabalho de conclusão de curso do colega Nelson Correa (2017), onde ele traz em seu trabalho às características e experiências dentro do Ylê Axé Nice D'Xangô que fica situado na cidade de Jaguarão.

Nelson Corrêa aponta para um dos fatores que distingue o segmento do Batuque para o Candomblé, que é a quantidade de Orixás que são cultuados em cada um deles, conforme o apontado pela Yalorixá Nice de Xangô em sua casa de Candomblé são cultuado dezesseis Orixás sendo eles: Bará, Ogum, Iansã, Obá, Xangô, Obaluaê, Odé, Logunedé, Ossãe, Euá, Nanã, Oxumaré, Oxum, Iemanjá, Oxalá e Alafiá. (Correa. N. 2017). Em contrapartida, no Batuque do Rio Grande do Sul se cultua apenas doze Orixás como apresenta Ari Pedro Oro que são:

Bará, Ogum, Iansã (ou Oyá), Xangô, Obá, Odé/Otim, Ossanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. A cada um deles são atribuídas características espaciais, símbolos, animais sacrificados e correspondências com santos católicos, resultante dos mitos relatados nas tradições religiosas (ORO 2012, p. 557)

Não podemos deixar de mencionar que no estado do Rio Grande do Sul existem outras vertentes afro religiosas, Pedro Oro menciona que a primeira casa de Umbanda no estado também foi fundada na cidade de Rio Grande, com a datação de 1926 e recebia o nome de “Reino de São Jorge”, e tinha como dirigente o senhor Otacílio Charão, que desempenhava o papel de ferroviário na época (Oro, 2002). Outras datações já supracitadas em estudos anteriores datavam a chegada da Umbanda nos anos de 1930.

A Umbanda então visa cultuar entidades como os pretos velhos, caboclos,

cosmes, ciganos, marinheiros entre outros. A característica que difere dos cultos aos orixás é a não prática do uso e corte de animais, de modo que o sangue não é considerado um vetor determinante para a manutenção dos rituais como no Batuque.

Outra vertente religiosa que surge é a Quimbanda, ou também conhecida como Linha Cruzada, está se instaurou no Rio Grande do Sul na década de 1960, onde foi a oportunidade de pessoas cultuam os ancestrais, com custos mais baixos, já que dentro deste período podemos mencionar graves problemas como a falta de emprego, assim a Quimbanda se tornou um meio mais rentável para as pessoas poderem pedir auxílio espiritual para a realização de determinadas buscas por graça, já que a quantidade de bicho necessário para a perpetuação destes ritos é numericamente inferior que a necessária no batuque. (ORO, 2002)

Na grande maioria das casas que há o ritual do Batuque também há sessões de Umbanda e Quimbanda, assim é comum ver que muitos filhos da casa acabam participando destes cultos também, a fim de se desenvolverem com as entidades da Umbanda e Quimbanda.

Estes cultos ocorrem todos no mesmo espaço onde ocorre a ritualística do Batuque, como foi observado no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, todas essas denominações religiosas estão presentes no mesmo espaço, assim cada uma delas tem o seu momento a ser festejado, e um momento do ano para que aconteça os preceitos para os Exús e Pombagiras¹.

1.2 - Arroio Grande também tem Axé - Cultos Afro-Religiosos na cidade

O primeiro registro de culto afro religioso dentro da cidade de Arroio Grande se dá em meados do ano 1971, quando a Sr.^a Remi realiza as primeiras procissões destinada a São Jorge, santo este que para os umbandistas é a representação de Ogum, essa é a primeira procissão que se tem notícias dentro da cidade. Porém, a Umbanda dentro de Arroio Grande só ganhou realmente destaque com o Sr. Nelson Costa Teixeira, que fundou a sua terreira no ano de 1965 com o nome de “Terreiro de Umbanda Caboclo Junco Verde”. Em 1966 houve a construção do espaço próprio do terreiro, quando as pessoas que faziam parte da corrente mediúnica angariaram fundos para a construção do que passaria ser chamado “Centro Espírita Umbandista Fé, Esperança e Caridade”.

¹ entidades que são trabalhadas na linha de Quimbanda.

Pai Nelson foi responsável por atribuir no calendário litúrgico da cidade a Procissão da Mãe Iemanjá, no dia 02 de fevereiro, sabe-se que a primeira ocorreu às margens da Lagoa Mirim no ano de 1978. Ele também foi responsável pela construção da gruta destinada a Mãe Oxum que fica localizado no balneário da ponte da cidade, no ano de 1986. Muitos desses feitos foram realizados em companhia da amiga que, posteriormente, se tornaria sua mãe de Santo, Ema Acosta.

Pai Nelson de Xangô, como ficou conhecido pela comunidade religiosa arroio grandense, partiu para o Orun² no dia 12 de dezembro de 2002, deixando um grande legado religioso, e também muitas saudades aos seus filhos de santos e de corrente³.

Essas informações foram encontradas em documentos que estão disponíveis nos arquivos da Associação Religiosa Afro-Umbandista de Arroio Grande (ARAUAG), redigidas pelo segundo presidente, Sr. Lizandro Araújo, professor de grande reconhecimento na cidade na área da Geografia e História, também umbandista e filho de corrente de Pai Nelson e preocupado com o registro histórico das religiões de matrizes africanas na cidade.

Outra pessoa que ganha grande destaque na cidade, e uma figura muito importante para entender a forma que se deu a dissipação da religião do Batuque, também conhecido como Nação, na cidade é Ema Acosta Braga, que ficou conhecida popularmente como Mãe Ema De Xangô.

Segundo dados apurados através de entrevista com Mãe Preta de Ogum, bem como conversas com os mais velhos, consigo então traçar a trajetória de Mãe Ema na cidade de Arroio Grande. Ema Acosta Braga, natural da cidade de Rio Grande, nascida no dia 2 de dezembro de 1949. Ela iniciou a sua trajetória religiosa na Nação Nagô, porém nesta nação ela permaneceu pouco tempo, segundo Mãe Preta, ela permaneceu nessa vertente religiosa aproximadamente o tempo de dois anos. Portanto, logo após ela saiu deste segmento e passou a ser filha de Mãe Haydê de Oxum, também da cidade de Rio Grande, que por sua vez era filho de Pai Joãozinho do Exú Bí, este ficou conhecido por transmitir os conhecimentos do Batuque Gaúcho para além da fronteira, já que ele tinha filhos de santo no Uruguai e na Argentina. (diário de campo: 18/05/2022)

² Orun é o nome ioruba que se refere ao céu.

³ Estas informações são dados retirados de uma mini biografia realizada por um filho do Pai Nelson de Xangô, Professor Lizandro Araújo. Essa mini biografia faz parte do acervo da Associação Religiosa Afro Umbandista de Arroio Grande.

Mãe Ema então inicia sua trajetória na vertente Jêje, onde fez a sua caminhada até o resto de sua vida terrena. Na década de 70, Mãe Ema parte de Rio Grande para Arroio Grande, onde ela fixaria a sua moradia, fundando a primeira casa de Nação da cidade e contando com inúmeros filhos de santos. Em meados da década de 80 foi fundado “Ylê de Xangô e Oxum” e também o “C.E.U. Caboclo Três Chicotes⁴”, Mãe Ema veio a falecer no dia 11 de outubro de 2011, porém a sua casa ainda continua em pleno funcionamento zelada pela sua filha carnal Lusiema Braga, também filha de Xangô;

Dentro desse contexto das casas de religião de Arroio Grande, este trabalho etnográfico se dará em uma delas, no caso no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tirirí, casa que é comandada por Mãe Preta de Ogum, primeira filha de mãe Ema de Xangô, e hoje considerada a mãe de santo mais antiga da cidade.

A partir disto acho coerente também me apresentar ao leitor - e tratar um pouco da metodologia desta monografia - já que estou totalmente inserido dentro do meu objeto de pesquisa. Partindo da ideia de que também construirei uma autoetnografia, para compreender o termo precisamos entender o seu conceito mostrado por Santos (2017)

Autoetnografia” vem do grego: auto (self = “em si mesmo”), ethnos (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e grapho (escrever = “a forma de construção da escrita”)2. Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve)” (SANTOS, 2017. p, 2018).

Chamo-me Anderson Machado, sou um homem branco e tenho 30 anos, moro no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tirirí há oito anos, acabei chegando aqui em um momento delicado de vida, logo fui acolhido pela casa como filho de santo e também como morador dela, assim resido juntamente com Mãe Preta e sua família a sete anos. Acompanho, sempre que possível, todas as funções de religião dentro da casa. Sou filho do Orixá Oxalá com a mãe Iemanjá. Antes de pertencer a casa de Mãe Preta, minha iniciação religiosa foi dada pelas mãos de Mãe Rosângela de Bara, filha carnal de Mãe Ema de Xangô, porém a minha passagem foi breve na casa. Também auxilio no papel de cambono⁵ dentro do culto da Umbanda, segmento religioso comandado pelo filho sanguíneo mais jovem da Mãe Preta e tem

⁴ Caboclo Três Chicotes é o nome dado à casa de religião que praticava a Umbanda, no qual é também o nome da entidade que incorporava em mãe Ema.

⁵ O Cambono é responsável por auxiliar o bom andamento da terreira, assim é ele que interpreta o que as entidades da umbanda falam para passar ao consulente, assim como servir as bebidas e auxiliar as entidades na prática da caridade

o nome de “Consagrada Luz de Ângelo”, e o meu papel neste trabalho é poder, juntamente com os relatos coletados com a minha mãe de santo, realizar uma reflexão sobre o uso do alimento dentro dos parâmetros afro religiosos.

No próximo capítulo irei apresentar a casa na sua forma estrutural, bem como se dão os preceitos referente a iniciação e as etapas que um filho de santo passa para poder ser considerado pronto dentro do Batuque. No terceiro capítulo irei me deter nos alimentos, buscando demonstrar como são o principal fator dentro dos cultos, bem como o modo que é utilizado e resinificados dependendo do contexto e momento em que será utilizado.

Capítulo 2 - E assim se fez de Ogum: A vivência da Mãe de Santo mais “experiente” da cidade de Arroio Grande, e o surgimento de um terreiro.

Antes mesmo de poder apresentar a forma que o Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri apresenta a sua dinâmica religiosa, é preciso fazer uma apresentação mais detalhada da dona da casa e também da Mãe de Santo responsável pelo pleno andamento dos preceitos religiosos.

Neste momento irei realizar uma breve apresentação da vivência religiosa de Mãe Preta D’Ogum, embasado nas conversas tidas com ela durante a construção dessa monografia e registrada no meu diário de campo.

Sendo a primeira filha de Santo da Mãe Ema de Xangô, a Sr.^a Maria Iolanda Lemos Gonçalves, conhecida como Mãe Preta de Ogum iniciou a sua trajetória religiosa no ano de 1979, sendo hoje considerada a lalorixá mais antiga da cidade de Arroio Grande.

Mulher preta de sessenta cinco anos, nascida no dia 02 de abril de 1958, (embora o seu registro de nascimento ocorreu no dia 02 de março do ano seguinte, prática essa muito comum da época). Natural de Arroio Grande, filha de Natália Giolanda Lemos Gonçalves (*In memorian*) e de Gomercindo Gonçalves (*In memorian*), a quinta filha do total de sete do casal, mãe de seis filhos. Aos treze anos mudou-se para Macapá/AP juntamente com um casal para desempenhar o papel de empregada doméstica. Após alguns anos, Maria foi para Curitiba juntamente com os seus empregadores e aos 20 anos de idade teve a sua primeira filha. Assim, no ano de 1978, ela retorna a sua cidade natal juntamente com a sua primogênita, e aqui seguiu então desempenhando serviços como empregada doméstica.

Por intermédio de um primo, conheceu Mãe Ema De Xangô, ficando um ano acompanhando todos os preceitos religiosos que ocorriam na casa e auxiliando em tudo que lhe era permitido. Maria acabou se apaixonando pela religião de matriz africana e no ano de 1979, no dia 22 de março, iniciou a sua trajetória religiosa, realizando o seu amaci⁶.

⁶ Amaci, é o primeiro preceito no qual um iniciado deve passar para entrar na religião, é um banho de ervas que é banhado a sua cabeça, os seus membros superiores e inferiores, ao som de rezas cantadas em ioruba que corresponde a cada orixá que faz parte do corpo da pessoa que está sendo iniciada. (Diário de campo, 2022)

Figura 1: Na foto, da esquerda para direita: Pai Toni, amigo e Padrinho de Mãe Preta e a sua Mãe de Santo Mãe Ema de Xangô, e por último a Mãe Preta D'Ogum



Fonte: Registro pessoal de Mãe Preta D'Ogum

No ano de 1985 deu início a caminhada na Umbanda, contando com o auxílio, além de sua mãe de santo, do seu padrinho na Umbanda, Pai Nelson de Xangô. Foi quando suas primeiras entidades começaram a se manifestar e a serem doutrinadas. No ano de 1989, ela então deu início a sua trajetória de Mãe de santo, já que neste ano ela realizou o primeiro amaci em seu filho Wagner Braga, que na época tinha apenas dez anos de idade, até hoje ele faz parte da família religiosa construída por Mãe Preta. (diário de campo, entrevista com Mãe Preta, setembro de 2022).

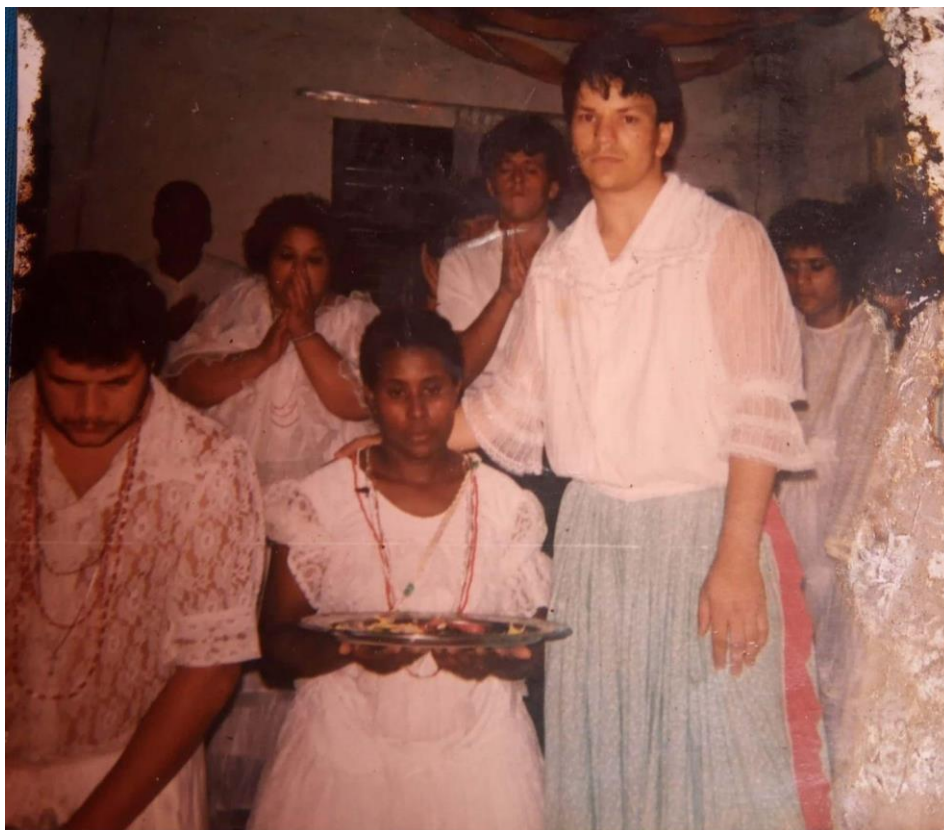
Em 1990, Mãe Preta leva o seu Orixá Bará⁷ para a casa de sua mãe carnal, porém a sua mãe tinha uma grande resistência ao pertencimento da filha à religião afro-gaúcha, portanto, se sentindo desconfortável, no ano de 1991, Mãe Preta parte

⁷ O orixá Bará era sempre o primeiro Orixá a ir para a casa de seu filho, com o passar o tempo iam os demais orixás que compunham o Orumalé

a busca de uma nova moradia.

Em 1992, ela foi surpreendida pela Mãe Ema de Xangô, que lhe agradeceu com o axé de Orumilaia, este axé corresponde ao recebimento do ifá/búzios, que é a prática no qual o zelador de orixá consegue entrar em contato direto com os orixás, podendo usar deste meio como uma mediação para demonstrar decisões que devem ser tomadas por aquele que procura para jogar. Assim Norton Corrêa (1989) explica que “Este Axé está relacionado com Oxalá de Orumiláia, o mais velho de todos, cego, associado com Santa Luzia. Orumilaia é quem dá a “visão”, de ver aspectos da situação que só o búzio revela”

Figura 2: Registro do momento no qual Mãe Preta está apresentando o seu axé de faca, e ao seu lado Pai Toni de Ogum (in memoriam) que era seu padrinho.



Fonte: Registro pessoal de Mãe Preta D'Ogum. Década de 1980

Fundado em 17 de julho de 1994, o Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri atualmente está situada no endereço Leonel Fagundes, nº 2040, e conta com aproximadamente cem pessoas vinculadas a sua casa, sejam elas filhos de santos iniciados ou pessoas que procuram os seus serviços espirituais para serem apenas cuidados. A maioria de seus filhos são residentes de Arroio Grande, porém conta

com uma quantidade de filhos espalhados por todo o estado do Rio Grande do Sul, e para além, contando com filhos em Minas Gerais e também em Santa Catarina.

Figura 3: Primeiro registro da casa de Mãe Preta na Federação Sul Rio Grandense de Umbanda e Cultos Afro-Brasileiros

Federação Sul Riograndense de Umbanda e Cultos Afro Brasileiros

Certidão de Registro n.º 4867 Secretaria do Trabalho e Ação Social Porto Alegre 23 Setembro 1975
Fundada em 08/10/1970 - Inscrição Municipal n.º 519.569 - CGCMF n.º 92.235.529/001
Reg. do CNSS n.º 218.148 - Reg. Pessoa Jurídica n.º 985 - em 29/12/70
Órgão de Utilidade Pública - Lei Municipal n.º 1680 - em 26/06 68
Sede: Xavier Ferreira, 1000 - Cep 96010-540 - Pelotas - RS

Certificado de Registro N.º 353

A Federação Sul Riograndense de Umbanda e Cultos Afro Brasileiros
confere a: "TENDA AFRICANA " ILÊ DE OGUM E IANSÃ ".

Fundado em 17 / 07 / 1.994 com sede a rua LEONEL FAGUNDES.

N.º 2040 nesta cidade de AROIO GRANDE-RS Bl. LAURO RIBEIRO.

Horário func. até 23 hs.
conf. aut. da SMUMA

VÁLIDO ATÉ 31 / 12 / 1.996

Presidente - Executivo
Federação Sul-Riograndense de Umbanda
Secretário - Executivo

Fonte: Acervo pessoal de Mãe Preta D'Ogum

Mãe Preta também conta com o auxílio de seus filhos carnisais, aqueles que prosseguiram na caminhada religiosa, para poder realizar um bom andamento dos afazeres religiosos e o cumprimento do calendário religioso da casa. O seu filho chamado André, deu início a terreira ainda quando residia juntamente com a sua mãe, alguns anos após ele acabou se mudando de endereço e a localidade da realização da Umbanda passou a ser realizada nesta nova casa. Assim, os cultos à Umbanda passaram a acontecer esporadicamente dentro do Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, se atentando principalmente em realizar festejos em datas específicas, sendo ela dia de Preto-Velho, dia de Oxóssi destinado ao Caboclos, dia de Santa Sarah Kalih destinado aos Ciganos. Entretanto, no ano de 2020, seu filho mais novo chamado Mayson, tomou a frente destes cultos e acabou criando "A

consagrada Luz de Ângelo”, no qual é destinada para o desenvolvimento mediúnic de sua corrente de fieis, bem como é realizado correntes de orações características de Centro Espirita de cunho Kardecista.

Pai Mayson de Oyá, é uma figura de extrema valia dentro do Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, já que ele se faz presente em todos os momentos e faz com que ocorra uma boa fluidez do culto já que ele é notoriamente considerado o braço direito da Mãe Preta de Ogum, e também desempenha o papel de padrinho de um grande número dos iniciados da casa.

2.1. Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri e suas partes espaciais.

É imprescindível compreender que no mesmo espaço estrutural da casa habita uma família e simultaneamente habita o sagrado, ou seja, na mesma medida que ocorrem afazeres domésticos a serem cumpridos durante a rotina diária há o cuidado também com o santo, já que se compreende que é impossível desassociar o sagrado da rotina, já que ambos compartilham do mesmo espaço.

Para melhor compreensão da dinâmica dentro do espaço do terreiro, trago um trecho da autora Ingrid Santana (2019), no qual ela compartilha que

“Toda Casa é, em si, o Sagrado em matéria. Não aprisionada em seu físico, mas em notável fluidez e sentidos para aqueles que se permitem tocar e serem tocados. Não raro, visitantes esporádicos, fiéis de outras crenças, colegas da família, carteiros, ao entrarem na Casa, relatam um êxtase, uma calma a qual definem enquanto “paz interior”. Apenas com a presença particular e inteira da Tenda, os mais variados indivíduos costumam relatar, aleatoriamente, se sentirem tão bem, que não desejam se retirar” (SANTANA, 2019. p. 83)

Santana (2019) aponta para o espaço da casa, onde habita o terreiro, que é considerado um ponto de energia muito forte, onde a espiritualidade está sempre trabalhando para que as pessoas que passarem por ele durante o dia possam estar se sentindo recarregadas energeticamente, sendo elas pessoas iniciadas, adeptas ao culto ou não. Frequentemente se tem relatos de pessoas que chegam na casa se sentindo aflitos, ou passando mal, e por conta do envolvimento energético que há no espaço do terreiro a pessoa começa a se sentir melhor minutos depois. (diário de campo: 13 de julho de 2022)

Portanto, levando em consideração este evento, vale a pena explicar que a divisão e a forma que a casa de santo apresenta auxiliam nesse processo de reorganização energética que todas as pessoas recorrem ao terreiro, sendo ela diretamente ou indiretamente. Para melhor compreensão, irei relatar a forma que se

apresenta o Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, através dos olhos da pessoa que já é iniciada e o “roteiro” no qual ela deve seguir sempre que pisar no terreiro.⁸

O primeiro local a ser saudado é a aruanda onde se localiza o Pai Bará Lodê e o Pai Ogum Avagã, eles são os Orixás responsáveis por zelar a rua, assim sempre há necessidade de pedir licença a eles para poder adentrar no espaço sagrado. Ficam localizados no lado esquerdo em uma espécie de quarto, com uma porta de alumínio que geralmente fica entreaberta, já que esses orixás são muito delicados e tem suas particularidades como, por exemplo, o Pai Lodê ter aversão às mulheres que ainda passam pelo processo da menstruação, porém mesmo assim estas necessitam pedir licença a ele porém de modo muito rápido e respeitoso, assim este orixá na sua grande maioria dos casos é de responsabilidade dos homens da casa de religião, onde é destinado a eles na hora do sacrifício estarem auxiliando a Mãe de Santo, bem como pegar os animais para que ocorra a sacralização. Pensando na ideia de aversão ao feminino, é comum perceber que todas as vezes que a Mãe Preta vai manusear com ele, ela sempre está usando calça e não vestido.

Todos estes cuidados com o Orixá Bará Lodê e Ogum Avagã se dá por conta das características que estes dois orixás carregam, bem como Norton Corrêa (1989) diz:

O Lodê para muitos é considerado velho, casmurro, que não tolera a presença de mulheres nem de crianças. Segundo Mãe Moça, quem tem Lodê sento tem de lavar a cabeça das crianças da casa, porque senão vivem doentes, porque ora ele tpa bom, ora ele tá brabo. Às vezes elas não podem nem passar na frente dele'. O Orixá fica numa casinhola junto a entrada de acesso ao templo. Junto 'senta-se' o Ogum Avagã, tão velho e tão casmurro como ele, motivo pelo qual se dão muito bem. Ambos são quem garante a segurança da casa, fiscalizando as intenções dos que chegam, controlando os movimentos. (CORRÊA, 1989. p. 179)

Todavia, não é de total responsabilidade dos Orixás Lodê e Avagã desempenhar esse papel de “filtrar” as energias das pessoas que estão entrando no recinto, também cabe aos Exus, entidades essa que na hierarquia estão a serviços dos Orixás. Assim, a próxima parte a ser saudada é a aruanda ou a casinha dos exús, que na maioria das vezes se encontra colada a do Pai Lodê e Pai Avagã, ela tem o mesmo tamanho da casinha anterior e nela está contida a energia de todos os exús e pombagiras que trabalham na casa e desempenham o papel de zelar a rua, deixando que nenhuma energia ruim possa estar adentrando no espaço do terreiro. Dentro desta sala existem duas prateleiras: uma na parte superior, destinada a

⁸ Relembro que esta visão que narro é realizada a partir de minha perspectiva, já que também sou um iniciado da casa, filho de santo de Mãe Preta e resido neste espaço a sete anos.

todas as imagens e utensílios, como perfume, taças de champanhe e vinho e entre outros objetos como jóias, ligados às pombagiras da casa. E outra, na parte inferior, aos Exús com seus respectivos copos que são depositados em sua maioria das vezes cachaça ou whisky. Vale elucidar que este espaço recebe manutenção com mais frequência que os orixás, levando em consideração que as bebidas têm mais facilidade em acabar se destruindo, necessitando de uma periodicidade de troca destas. Na casa de Mãe Preta, sempre se tira um dia da semana, geralmente às segundas-feiras⁹, para realizar a limpeza do espaço dos exús, bem como a troca das bebidas dos copos dos exús e das pombagiras.

Pode-se dizer que estas entidades são as que mais são malvistas perante a sociedade, pois há um grande pré-conceito que é constantemente alimentado pelas igrejas evangélicas, bem como pessoas que não estão dispostas a reconhecer o modo diferente de expressar a fé. Assim segundo Aline Speroni (2018) traz a reflexão sobre a imagem de exu que

A figura de Exu poderíamos dizer que passa a ser quase que “folclórica” usada em muitos momentos, é conhecida de norte a sul do Brasil. Com a diáspora africana para as Américas a figura do Exu assumiu diversas facetas, mas a mais perturbadora e diga-se de passagem mais injusta seria a sincretização com o demônio por manipular forças das trevas, entretanto, isso não significa que são entidades malignas, apenas que sabem como proteger seus filhos do mal. Exu também é aquele que se saúda primeiro, o que come primeiro, é o dono e senhor das encruzilhadas.(SPERONI, 2018. p. 85).

A imagem do Exú ligada a linha cruzada traz uma ideia de subalternidade perante os Orixás, já que estes desempenham o papel de mensageiros e se assimila a função destinada ao Orixá Bará.

Estas duas casinhas mencionadas, que geralmente se encontram na parte externa da casa, porém, o Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri passou por uma reforma em sua estrutura e como meio de trazer mais segurança, foi realizado a cobertura do espaço onde ficava localizada as ambas casinhas/aruandas. Logo o espaço que antes era área externa acabou se tornando uma sala, onde a Mãe Preta usa para realizar os seus atendimentos.

Ao adentrar no Salão, a primeira coisa que todo iniciado realiza é bater a

⁹ O dia da semana escolhido é no qual a Mãe Preta usa para retirada semanalmente dos ecós. E também é o dia destinado ao Orixá Bará, assim Bará é considerado uma versão em formato de Orixá do Exú, logo o mesmo dia da semana que serve para ser cultuado ao Orixá, serve também para cultuar esta versão. Segundo Aline Speroni a figura do Exu é caracterizada pela sua força, pela masculinidade e conhecimentos míticos. Considerado como o mensageiro e, também, aquele que protege, normalmente efetua as limpezas espirituais (poderíamos de uma forma ilustrativa dizer que o orixá Bará seja o chefe dos Exus), sendo, também, aquele que trabalha rápido (Speroni. 2018. p, 84)

cabeça para os Orixás que ficam em um quartinho que é chamado de quarto de santo. O quarto de santo é o local mais significativo dentro da casa de religião afro-gaúcha no qual se destina a cultuá-los. José Carlos dos Anjos nos mostra em seu livro “No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira” a forma no qual um iniciado deve se portar ao adentrar dentro de uma casa de santo, quando ele diz que

Existem regras observáveis, mas sobre elas o recém-iniciado não pergunta e ninguém o indica, ele aprende observando. Ao chegar no terreiro, o filho deve saudar os “pais”, “batendo cabeça” aos pés do quartinho de santo” o pegi. Em seguida, deve cumprimentar a mãe-de-santo beijando-lhe as mãos (ANJOS, 2006. p.93)

Dentro do quarto de santo são encontradas inúmeras imagens também, vinculadas a deuses católicos, bem como imagens de deuses em Africano. Também é visto inúmeros bonecos que segundo a Mãe Preta são destinadas às pessoas que por motivos próprios não podem pertencer a religião, assim ela os cuida em forma de bonecos, como se os bonecos pudessem estar realizando a representação da pessoa, bem como se ele fosse a ligação dela direto ao seu Orixá, tanto que estes bonecos estão vestidos com a roupa da pessoa, que em sua maioria são crianças.

Acima da porta do quarto de santo está localizado o quadro onde estão a foto do Príncipe Custódio, da Mãe Chininha de Oxum, Pai Joãozinho de Bará, Mãe Haydê de Oxum e Mãe Ema de Xangô. Este quadro representa as gerações e a linhagem religiosa que a casa cultua. Sendo assim o primeiro o Príncipe Custódio, já apresentado nesta pesquisa, segue ainda sendo referido como o patriarca da religião.

Imagem 4: Quadro localizado acima da porta do Quarto de Santo.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao lado esquerdo do Quarto de Santo está o espaço destinado ao Congá, que é destinado a presença de imagens de santos católicos¹⁰, bem como de caboclos, ciganos, sereias e marinheiros, pretos velhos e de Cosme e Damião. Este último também é encontrado em uma casinha que está depositada ao lado do congá, onde todas as imagens de crianças e os brinquedos estão guardados para serem utilizados quando há uma sessão na casa de umbanda destinada a essa linha.

Neste local quando não está ocorrendo nenhum momento de culto religioso, é usado como sala de estar, onde os filhos de santos vão no dia a dia, para poder conversar com a Mãe Preta, neste momento se há muita troca de saberes, onde a Mãe Preta sempre relata histórias no qual ela passou no início de sua trajetória religiosa, e como ela aprendeu os ensinamentos com os mais velhos, ensinamento esses que ela sempre faz o possível para passar para os filhos.

A casa também conta com três quartos, dois banheiros e uma cozinha, o local destinado para a realização do “serão”, é a parte dos fundos da casa, onde há uma estrutura para que as limpezas dos animais sacralizados ocorram, a divisão das carnes, a higienização e a realização de guardar elas para posteriormente serem preparadas.

2.2. O despertar para o Orixá: Iniciação do filho de santo no Batuque

O primeiro contato que uma pessoa tem dentro da casa de religião, geralmente, vem no intuito de ser apenas cuidado pela Mãe de Santo como também pelos Orixás da casa, porém acredita-se que chegará um certo ponto que a pessoa

¹⁰ A presença de imagens de santos católicos é extremamente recorrente dentro dos espaços das casas de religiões afro-gaúchas, porém, contemporaneamente está ocorrendo dentro destes espaços uma reestruturação desta ideia no qual se liga o Orixá ao Santo Católico, calcado na ideia que Antônio Carlos também traz em seu livro no qual diz que “É no congá que a distância entre representado e representação começa a se restabelecer. Para mãe Marisa danação, na Vila Mirim, é claro que os orixás são africanos, portanto, negros, e que as estatuetas brancas que ela mantém no congá não apresentam as características raciais dos orixás. Embora o orixá possa também ser chamado de santo, aqui as estatuetas dos santos católicos são mera representação de algo que se singulariza mais propriamente no acutá mantido na parte debaixo da prateleira de santos e sob uma cortina. A representação não deixa de carregar um certo encobrimento, de certa forma é um disfarce. Um disfarce que a ênfase de uma ortodoxia tende a rejeitar:[...] eu até acreditava muito no sincretismo, mas passei a abolir da minha prática. Não comparo mais orixá nenhum com santo católico, embora antes eu comparasse ... (Pai-de-santo do Bairro Agronomia) Contudo, a manutenção do disfarce num momento em que a repressão religiosa se afrouxou a ponto de não mais ameaçar uma ortodoxia que eventualmente recusasse a presença de santos católicos no terreiro precisa ser explicada em sua manutenção no universo simbólico atual das religiões afro-brasileira (Anjos, 2006. p. 79-80).

deverá entrar na religião de fato, já que no período que está sendo cuidado o seu orixá está se aproximando e se fazendo mais presente em seu astral, fazendo assim com que chegue a um ponto no qual a pessoa se vê preparada para participar mais efetivamente dentro da casa de religião, assim se tornando um filho de santo.

O ato de se iniciar em uma religião é uma decisão muito importante, pois acredita-se que no momento que você entra de fato, não há como você voltar atrás na sua escolha.

O processo de iniciação é concebido como um renascimento em que a pessoa e o seu orixá de cabeça irão crescer e adquirir a maturidade religiosa. Os contornos desse processo de crescimento marcam a pessoa em constituição e o orixá que se vai formando no mesmo processo. O Orixá de cabeça aprende, é “ensinado”, “domesticado”, acostumado ao ritmo da casa” (ANJOS, 2006. p. 96)

Pensando nos Orixás como seres animados, que não enxergamos, mas que fazem parte do nosso ser, já que ele habita o nosso ori bem como o nosso corpo, e nos acompanha em todos os lugares. Eles também são canalizados nos assentamentos que ficam dentro do quarto de santo. Nisto justifica o que Anjos trouxe, e a ideia de que o Orixá se molda conforme o andamento da casa, pois mesmo ele estando presente em nós, ele também está presente no espaço da sua casa de santo.

O primeiro contato com o seu Orixá se dá por intermédio do jogo de búzios, onde neste momento é descoberto quais são os seus Orixás, sendo um responsável por seu orí, Orixá de Cabeça, pelo seu corpo e suas passagens, estes últimos são considerados os auxiliares. Porém, antes mesmo do jogo de búzios, Mãe Preta D'Ogum costuma levar a pessoa para dentro do quarto de santo e passar uma canjica branca cozida dentro de um pacote e velas brancas em todo o corpo da pessoa, inclusive no topo de sua cabeça pedindo ao Pai Oxalá que o jogo seja objetivo e que consigam desvendar a curiosidade pertinente do momento, os Orixás em questão.

2.3. As etapas que o filho de santo precisa percorrer para o seu apronte.

Como todos os ritos religiosos, independente de qual é o seguimento, sempre haverá protocolos a serem cumpridos pela parte interessada em seguir a doutrina. Nesse sentido, Norton reflete:

No Batuque não se ensina formalmente a religião, tal como nas cristãs, por exemplo nas que há catecismo, missas; o indivíduo aprende principalmente

pela observação direta, o que pressupõe a sua presença à prática ritualística (CORRÊA, N; p; 87, 1998).

Assim, compreende-se que se consagrar ao Orixá é estabelecer um grande compromisso que é considerado uma via de mão dupla, onde o iniciado tem o dever de cumprir as suas obrigações perante os Orixás, em troca de que eles possam estar sempre o protegendo. Logo, para melhor compreensão dos preceitos religiosos que um iniciado precisa passar, acho pertinente levar ao leitor toda a trajetória que esta pessoa irá percorrer até chegar no seu último estágio, o aprontamento.

Antes de começar a exemplificar a forma, da maioria das vezes, adotada dentro do Reino Africano de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, de como se dá as etapas percorridas pelos filhos de santo, é importante ressaltar como Edgar Neto trabalhou em sua tese a ideia de que “que cada caso é um caso e que cada casa é uma casa” (NETO, 2012) .

O primeiro preceito que o iniciado é submetido é chamado de amaci, que é um banho de ervas, no qual a mãe de santo lava a cabeça do iniciado, assim como os membros superiores e inferiores, realizando assim o despertar da energia dos Orixás no corpo da pessoa que está sendo iniciada.

A próxima etapa que o iniciado passaria seria o chamado aribibó, no qual é o primeiro contato do iniciado com a energia da sacralização, já que se é ofertado um casal de pombos que o seu sangue é colocado em seu Orí, esta pessoa ficará reclusa dentro da casa de santo por quatro dias, sem ter o mínimo de contato com o mundo exterior, assim as pessoas que vem visitá-los não podem tecer comentários do que está acontecendo externamente, já que o momento da obrigação é de extrema importância que o iniciado esteja em interconexão somente com o seu orixá. (diário de campo: 22/10/2023)

No quarto dia, independente de qual for a obrigação, sempre se há o ato da *levantação* das cabeças, onde a mãe de santo retira do iniciado seu pano de cabeça¹¹, assim ela é lavada levemente com água para poder tirar os resquícios do axorô¹² de sua cabeça, feito isso, a obrigação que ficou quatro dias depositadas em um alguidar é levado para a parte externa da casa e é plantado, já que ele é depositado dentro de um buraco com folhas de mamonas e plantado juntamente

¹¹ Pano de cabeça é um utensílio usado sempre em obrigações, já que ele é artifício usado para guardar a obrigação na cabeça dos iniciados, assim ele serve para segurar as penas que são colocadas na cabeça.

¹² Axorô é o nome dado a sangue

com frutas, pipocas, e outros alimentos que foram produzidos durante os quatro dias, e logo após este buraco é tapado com mamonas e enterrados

Após algum tempo, e levando a necessidade de seu Orixá, o iniciado passa então para o próximo preceito que é denominado Bori de Aves, neste o iniciado é submetido a sacralização de galinhas e galos, dependendo de quais são os seus orixás, já que para os orixás masculinos, exceto do Pai Oxalá, são ofertados galos, e para os Orixás femininos e para o Pai Oxalá são ofertadas galinhas.

E, por último, é realizado o apronte de quatro pé, nesse momento o filho de santo dá início aos assentamentos de seus Orixás em ocutás¹³ e em vultos¹⁴, sendo eles totalizado em doze, e cada um deles corresponde a um tipo de animal específico e a quantidade de aves. Vale a pena ressaltar que cada iniciado tem a sua trajetória dentro da religião muito específica, sendo assim cabe a mãe de santo ou pai de santo decidir quantos orixás o filho de santo irá assentar, pois chegando a este estágio de obrigação, de tempos em tempos o iniciado deverá realizá-lo, e assim poderá seguir sentando até completar o seu orumalé e receber todos os axés necessários.

Quando menciono “os axés necessários”, refiro-me ao axé de Obé, que se remete ao Axé de faca, onde há uma liberação da parte da Mãe de Santo ao seu filho no qual este poderá estar usando a faca, previamente usada em momentos de sacralização, para realizar cortes e serviços religiosos que demandam de sacralizar animais. Outro axé é o de ifá, que se remete aos búzios, este é uma ferramenta para que consiga uma comunicação direta aos Orixás. E outro axé, o mais importante e o mais sigiloso, é o axé de fala, este último é direcionado exclusivamente aos Orixás que se manifestam em seus filhos. Para a realização deste preceito, cabe à Mãe de Santo ou Pai de Santo, averiguar se o Orixá manifestado já tem o tempo suficiente de manifestação e se está apto a passar por esse processo, no qual é considerado um dos maiores segredos dentro do Batuque. Ele ocorre quando há festas de Batuque, levando em consideração que há uma necessidade de testemunhas para confirmar e presenciar que determinado orixá está apto a falar.

Para a realização deste preceito, em determinado momento do Batuque, os orixás mais antigos e que já possuem fala por um tempo considerável, encaminham

¹³ Ocutás são as pedras extraídas da natureza com características variadas que são responsáveis por concentrar a energia do orixá.

¹⁴ Vultos são os Orixás que são canalizados em ferro.

o orixá que passará por esta prova até uma sala, onde nela já estará previamente todos os alimentos e artifícios que serão utilizados para confirmar a legitimidade da possessão do orixá no filho de santo. Este momento é tratado com um máximo de sigilo, sendo assim só participam dele aqueles que são mais antigos da casa.

Após elucidar as formas como ocorrem as obrigações e a presença, na maioria das vezes, de alimento, seja ela na forma da ave, quadrúpede ou até mesmo no sangue e nas oferendas, no próximo capítulo, buscarei me deter em descrever como o alimento é usado dentro da casa de religião e nos inúmeros preceitos religiosos, e quais são as suas tipologias, já que alimento dentro da casa outras conotações e importâncias.

Capítulo 3 - O uso do alimentos como oferendas e revitalização do corpo

Passar por um processo de iniciação tal como descrevemos no capítulo anterior é seguir as regras da religião e as específicas de cada casa. Nesse sentido, apresentaremos neste terceiro capítulo uma parte que é fundamental para o funcionamento da casa de Batuque, da iniciação dos filhos e da existência dos rituais da casa, seja, o processo de preparação das oferendas, o cuidado e o preparo dos alimentos.

Trata-se aqui de entender como uma pessoa iniciada reflete os deveres que deverá cumprir perante a Mãe de Santo ou Pai de Santo. Segundo Aline Speroni esse período se dá

A estrutura da iniciação no Batuque pode ser dividida em três partes, de acordo com Corrêa: “primeiro, em que o indivíduo se recolhe a casa de culto; segundo, representado pelas condições e práticas do período de recolhimento; e, terceiro, a festa pública em que termina o recolhimento” (SPERONI, 2018, p. 93)

Este capítulo trata de uma das atividades mais relevantes do Batuque: a forma que o alimento se dá dentro dessa cosmovisão, desde a sacralização até os festejos para os Orixás. Discute-se como o manuseio dos animais sacralizados ocorre e como tudo que é abstraído destes animais é reutilizado, indo assim de encontro com ideias tortas que ainda pairam no imaginário coletivo que acreditam que os animais utilizados para fins religiosos são vítimas de torturas e crueldade. Sobre a visão deturpada que parte da sociedade tem, calcada em um racismo estrutural, carrega perante a religiosidade afro-brasileira, Stefan Hubert diz que

A visão a respeito desse aspecto, entre outros, da religiosidade afro-brasileira é permeada de preconceitos, resultado, sobretudo, do desconhecimento dessas práticas religiosas, que muitas vezes as associa ao atrasado e ao primitivo, baseada em uma representação etnocêntrica, que gera intolerância, perseguição e dificuldade no reconhecimento e aceitação da diversidade religiosa existente em nosso país. (HUBERT, 2011. p. 82).

O ritual ligado a sacralização pode ser percebido em várias vertentes de cunho religiosas, por muitas vezes até mesmo nas religiões que são responsáveis por gerenciar todo o processo de repressão que as religiões de matrizes afro-brasileiras em geral sofrem, para elucidar essa opinião o professor Henrique Carneiro diz que:

A identidade religiosa é, muitas vezes, uma identidade alimentar. Ser judeu ou muçulmano, por exemplo, implica, entre outras regras, não comer carne de porco. Ser hinduísta é ser vegetariano. O cristianismo ordena sua cerimônia mais sagrada e mais característica em torno da ingestão do pão e do vinho, como corpo e sangue divinos” (CARNEIRO, 2005. p. 72)

Como já foi mencionado, a ideia de realizar obrigações aos Orixás nada mais é do que a reafirmação do manejo de um sistema de mútua ajuda, de reciprocidade, neste sentido, o alimento se encontra como uma moeda de troca para a sustentação desta relação em que o Orixá precisa estar constantemente alimentado para que possa desempenhar suas funções com plenitude.

O meio mais comum de conseguir estabelecer esta conexão, na busca de realizar a sustentação do axé, é por meio das obrigações no qual ocorrem o corte de animais, obrigações das quais aqui já foram previamente apresentadas, e neste caso o ingrediente mais utilizado é o axorô (sangue). A necessidade do uso deste artifício como forma de alimentar o Orixá, serve como pressuposto de que se ele estiver alimentado o nosso corpo está revitalizado para podermos ter um bom desempenho durante um período de tempo, já que essas obrigações devem ser recorrentes. Por consequência, compreende-se que o ser humano e o seu Orixá estão intrinsecamente ligados,

Na ontologia do Batuque os seres humanos têm dois elementos indissolúveis: o físico e o espiritual. O corpo (ara) enquanto elemento físico está teologicamente relacionado com sua criação divina. Acreditamos que a constituição do ser humano enquanto ser biológico está relacionado com a contribuição dos Òrì.à na construção de seu DNA, ou seja, quando o ser humano é criado um Òrì à contribui para completar o código do DNA dessa pessoa que assim passa a estar diretamente relacionado à Ele. Se torna Seu descendente mítico. É por isso que percebemos semelhanças físicas entre filhos de um mesmo Òrixà. A isso convencionamos chamar de orixalidade (SILVEIRA, 2014. p. 115)

Este termo apresentado por Hendrix Silveira, orixalidade, contribui para maior compreensão de como podemos encarar até mesmo a questão mais oculta dentro dos ritos afro-gaúcho, considerado o maior tabu, o da ocupação. Este momento nada mais é do que a manifestação do Orixá em seu filho, porém este momento é muito sigiloso, já que a pessoa que recebe a dádiva de conceber o seu Orixá não sabe que isso ocorreu, e é dever de todos que este segredo se mantenha. No Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri, Mãe Preta sempre busca ter esse cuidado, no qual ela evita o máximo que esse assunto seja conversado dentro de casa, ainda mais referente aos próprios Orixás da casa, para que não ocorra nenhum problema.

Segundo Mãe Preta, quando esse segredo é quebrado, pode ocorrer da pessoa passar muito mal, ou até mesmo que o Orixá nunca mais se manifeste da pessoa. Diz que quando ela entrou na religião, falavam que a pessoa poderia ficar

louca ou até ir a óbito se descobrisse que o Orixá se manifestava em seu corpo (diário de campo, 23/10/2022).

A ocupação, é também vista como uma confirmação da obrigação, já que no corte onde há sangue os Orixás se manifestam nas pessoas que recebem o Orixá. Norton Corrêa reafirma que “Na cerimônia, [...], no momento em que o sangue toca na cabeça do iniciado, espera-se que o fenômeno ocorra, já que o deus vem receber, ele próprio, o que lhe está sendo oferecido” (Corrêa, 1998. p. 204). Vale a ressalva que nem todo mundo que é iniciado recebe o seu orixá, porém aqueles que recebem se manifestam quando acontece a realização de preceitos, conhecidos como fundamentos da religião.

No Reino Africano de Ogum, Iansã e Exu Tirirí, ocorre pelo menos uns três momentos do ano dedicado à Obrigação de Quatro Pé, todavia esta quantidade pode variar conforme for necessário. Acho importante ressaltar que este evento é o momento de maior demonstração de fraternidade dentro deste espaço, já que é o período no qual os irmãos, aqueles, que tomarão obrigação estão envolvidos na busca de comprar os seus animais e todos os utensílios necessários, e os demais irmãos geralmente se fazem necessário para que ocorra a obrigação na sua maior plenitude possível. Mãe Preta sempre destina um momento no qual há grande número de seus filhos para poder agradecer a presença e o empenho de todos, já que não é possível realizar uma obrigação de tal porte se não houver a cooperação de todos os filhos da casa. (diário de campo: 21/10/2023)

Portanto, entendi como pertinente pegar esse momento supracitado, quatro pé, para aprofundar um pouco mais e entender a forma que os alimentos se fazem presentes a todo momento, seja através do sangue ou na forma do alimentar-se.

3.1. Para ter o Quatro Pé, tem que calçar a casa.

O preparo para o momento de corte do quatro pé começa ocorrer dias antes, já que o espaço do terreiro¹⁵ deve ser previamente organizado, como os elementos que constituem a casa, principalmente aqueles que ficam no espaço do salão, devem ser realocadas em outros cômodos da casa para que o salão esteja o mais livre possível, permitindo uma boa fluidez no trânsito de pessoas, bem como

¹⁵ O espaço do terreiro neste momento se remete ao espaço total da casa, já que é impossível uma coisa se desassociar da outra

liberando espaço para colocar os colchões necessários para aqueles que ficarão de obrigação poderem dormir por oito dias.

Nesse momento, o espaço da cozinha se torna o mais importante dentro do terreiro, já que é nela que tudo acontece, mesmo antes da obrigação acontecer. Dito isto, a primeira etapa necessária é o calçamento, eles são responsáveis para drenar quaisquer energias negativas que possam travar o processo durante o período da obrigação, já que este momento é aquele que os religiosos tem como estar e sentir o mais próximo da presença dos Orixás. Os calçamentos são sempre dois: um que corresponde ao Orixá Bará, os Opetés, e outro que corresponde ao Orixá Oxalá, os acaçás. Dependendo das circunstâncias, no momento também ocorre calçamento, para o Orixá Xangô, este último se dá de duas formas também: uma no qual é realizado a sacralização de uma ave, galo branco, e ele é recheado e colocado bananas, frutas estas oferecidas a ele, este galo é depositado dentro de uma bacia e tampado e colocado para velar¹⁶ na porta de acesso ao terreiro. A outra forma de segurança ligada a este orixá é depositado em um alguidar¹⁷ água, dendê, três pedras de carvão e cinza.

Toda essa segurança, segundo Mãe Preta serve para afastar os eguns. Eguns são os espíritos de pessoas desencarnadas que podem atrapalhar o andamento astral de quaisquer rituais da casa, bem como o andamento emocional e espiritual das pessoas que habitam ou que transitam com muita frequência no espaço do terreiro, logo essa segurança sempre deve ser renovada e sempre deve estar sendo utilizada pela casa. (diário de campo: 02/04/2022)

Já os Opetés são destinados ao Pai Bará, sendo quatro, cada um representando uma qualidade¹⁸ deste orixá, sendo elas: Agelú (o mais novo), o Lanã (considerado um adolescente) o Adague (atingindo a fase adulta) e o Lodê (o mais velho), são estilos cabeças formadas com batatas cozidas e amassadas sem casca, e com os milhos torrados são feitas as marcações dos olhos, nariz, boca e ouvidos. Cada um deles corresponde a uma cor, assim o preto, tingido com carvão moído, é

¹⁶ O colocar para velar quer dizer que ficará com uma vela de sete dias próximo ao assentamento e que deve ser mantida sempre acesa, assim ficando de responsabilidade de todas as pessoas que frequentam o ambiente supervisionar se a chama da vela ainda está acesa.

¹⁷ Alguidar é um recipiente que lembra uma tigela confeccionada de barro.

¹⁸ Qualidade neste contexto é destinado a faixa etária do orixá, que acarretam especificidades diversas, como exemplo pode se dizer que o filho de Bará Agelú tende a ser mais brincalhão do que o filho do mesmo Orixá na qualidade de Lodê, que por ser um Orixá mais velho tende a ser mais sério e até mesmo ranzinza.

destinado ao Pai Bará Lodê, ele é plantado¹⁹ na parte da frente do terreiro e do lado esquerdo de quem entra, a primeira coisa a ser realizado após abrir o buraco onde ele será plantado é realizar o batizado do buraco, onde se coloca uma mistura de água e mel nos quatro cantos do buraco dando a entender à terra que ela está prestes a receber algo destinado ao sagrado. Neste espaço, logo após, é colocado uma folha de mamono para que o Opeté não seja depositado diretamente na terra, e em sua volta é colocado milho torrado e pipoca estouradas, coloca-se gotas de dendê, tapa-se com outra folha de mamono e recoloca a terra em cima usando as mãos. Um detalhe muito importante é o cuidado de deixar o rosto deste Opeté virado sempre para frente, tendo em vista que ele vai desempenhar o papel de cuidar da rua enquanto a obrigação está ocorrendo.

A lógica dos outros Opetés segue a mesma, sendo aquela ligado ao Pai Adague da cor vermelha, usado lascas de tijolo para colorir, é plantado na frente da casa porém por sua vez no lado direito. O designado ao Pai Lanã é colorido de cinza, usando cinza retirada por muitas vezes da lareira e guardado para este fim. Este é colocado na parte dos fundos da casa, na área onde é localizado o espaço destinado para a realização do serão. E o último, no qual não é necessário tingir e sim deixar ele na cor natural da batata, é destinado ao Pai Agelú e colocado dentro do quarto de santo, sendo diferente dos demais, nele é derramado mel por cima. Segundo Mãe Preta, este calçamento é responsável por cuidar os quatro cantos da casa, por isso eles são preferencialmente plantados na parte externa. (diário de campo 10/09/2021).

O segundo calçamento são os acaçás, este o preparo inicia uns três dias de antecedência do seu preparo, já que a canjica que será utilizada fica de molho na água pura para que ela possa perder a sua resistência para facilitar na hora da moção. A água deve ser trocada de momentos em momentos, para que a canjica não adquira mau odor. No seu preparo ela é ralada em um liquidificador até tomar um formato de farinha, esta farinha vai em uma panela ao fogo baixo junto com água e mel, deve ser mexida com uma colher de pau até que essa solução se torne homogênea e formando um tipo de massa consistente. Logo após esta massa é produzida bolinhos que são enroladas em folhas de Biri limpas e higienizadas com água quente que serve tanto para tirar definitivamente quaisquer resquícios de pó,

¹⁹ A Mãe Preta sempre buscou passar o seguinte ensinamento aos seus filhos: que nada feito para o santo é enterrado, e sim plantado. Por isso, neste momento, eu uso o termo plantar e não enterrar.

como também deixar a folha maleável para realizar com maior facilidade o enrolar no acaçá.

A quantidade de acaçás sempre deve corresponder ao número de cômodos existentes na casa, já que é colocado um em cada parte da casa, e cada bicho de quatro pé que será sacralizado também é colocado dois, um no meio das patas dianteiras e outro no meio das patas traseiras. Após eles serem utilizados no momento da sacralização, eles são colocados dentro do quarto de santo novamente onde permanecerão até o final da obrigação, oito dias, no qual no último eles serão plantados juntamente com a obrigação do peixe, que será apresentada aqui posteriormente.

Outro momento muito importante que antecede a obrigação, é o momento da limpeza, onde são confeccionados pacotes que desempenham o papel de purificar a pessoa que está prestes a passar pelo preceito de ir para o chão, bem como aqueles que também irão participar deste momento. É necessário que todos estejam purificados.

3.2. Para deitar tem que estar puro. O processo da construção da Limpeza dos Orixás

Na cosmovisão batuqueira acredita-se que para ter um bom aproveitamento das obrigações faz-se necessário que o seu corpo esteja purificado de toda a carga de maldade, por isso é realizado o preceito da limpeza, simbolizando que a pessoa está totalmente pura das mazelas do mundo para poder cumprir o seu retiro espiritual. Irei aqui expor como consiste a limpeza e os ingredientes que consistem na formação desses pacotes: o primeiro a ser passado na pessoa são varas de marmelo revestidas de dendê e depois aquecidas no fogo, as varas batem no corpo da pessoa e depois batem no chão, simbolizando assim que a energia revestida na pessoa está sendo retirada ao bater as varas no chão. Elas são passadas na parte da frente da pessoa e na parte das costas. Logo após a pessoa ser limpa, irá se dirigir a outro irmão que lhe passará um galo vivo, onde ele irá ser passado na parte da frente da pessoa e na parte das costas, e logo após será esticado no chão para que a pessoa a ser limpa possa passar os seus pés no corpo do galo. Assim, ele se dirigirá a outro irmão que está responsável de passar o axé do pai bará, que consiste em um pacote de pipoca estouradas, grãos de milho torrados e três

batatas inglesas cozidas e um inham inham²⁰. Logo após a pessoa passará por um pacote que representa a mãe Iansã, que consiste em um pacote de pipoca estouradas, fatias de maçãs. Após vem o pacote destinado ao Pai Xapanã, que consiste em pipoca estourada, grãos de feijão preto torrado, amendoim torrado, grãos de milho torrado, e se houver também outros tipos de feijões todos torrados; Logo após será passado o pacote da mãe Oxum, que é canjica amarela cozida e mel, e o pacote do Pai Oxalá que é canjica branca, mel e merenginhos. E, por fim, a pessoa que está sendo limpa, passará por uma vassoura de retalhos coloridos que representam a vassoura do Pai Xapanã, onde é espanada e é feito o pedido para que todas as doenças e mazelas fiquem longe do corpo da pessoa. Após todos serem limpos, os pacotes são passados por toda a casa, terminando na parte da frente, mais especificamente na porta do pai Bará Lodê, assim o galo é aberto pela parte das costas e todos os alimentos já mencionados que pertencem a cada pacote é usado para o recheio. (diário de campo 18/10/2023)

Vale ressaltar que todos esses pacotes são passados da mesma forma, onde a pessoa se posta primeiro de frente, após de costas e de frente novamente, fazendo assim com que os pacotes toquem o máximo possível do corpo. Este preceito normalmente é realizado um dia que antecede a matança, ou também chamado de serão, o rito que é destinado a sacralização de animais

3.3. CHEGOU O GRANDE DIA! Descrição dos festejos de Batuques no Reino.

Um dos momentos mais importantes dentro do culto religioso afro-gaúcho é o momento do Batuque, o festejo para os Orixás, é neste evento que os adeptos vestem os seus fardamentos²¹ para dançar e louvar os Orixás. O batuque se dá na dinâmica no qual todos os adeptos, sejam eles filhos da casa, como também visitantes, se colocam em uma roda e dançam em sentido anti-horário. A dança também visa que as pessoas realizem gesticulação correspondente a cada Orixá que está sendo homenageado, assim começando com o Orixá Bará e terminando com o Orixá Oxalá.

²⁰ inham inham, consiste em um mistura de farinha de mandioca e mel.

²¹ Fardamentos é a forma que são chamadas as roupas destinadas ao momento do batuque, as cores das roupas geralmente correspondem às cores de seus Orixás. As roupas costumam ser muito semelhantes com a indumentária Gaúcha. Homens geralmente usam camisa e bombacha e as mulheres vestidos

Figura 5: Roda de Batuque.



Fonte: Acervo pessoal (Registro 04 de novembro de 2021)

Sobre a forma descritiva de cada dança dos Orixás, o Paulo Roberto S. da Silva em seu livro intitulado “Batuques, seus encantos e mitos” (2017) traz que

Bará [...] Na dança, os filhos colocam a mão esquerda para trás e a direita à frente, com movimentos representando o manuseio de uma chave, como se estivessem abrindo cadeados, fechaduras e portas, enfim, abrindo caminhos para alcançar objetivos e metas. No decorrer da homenagem, o toque vai mudando, o mesmo vai acontecendo com os movimentos e a evolução em cada passagem. [...] Ogum: Representa a conquista, a busca daquilo que se quer. Os filhos fazem movimentos como se estivesse empunhando uma espada, alguns manuseando dois punhais, em outro momento embainhando a espada. Observam-se movimentos de ir e vir, de fora para dentro da roda, de modo que em determinado ponto, quando a egrégora se instala, os deslocamentos realizam-se de forma harmônica. Esses movimentos representam a solidão das pessoas, porém, quando passam a caminhar junto a seus amigos, irmãos e familiares, conseguem mudar o ritmo e isso as leva a perceber que não estão sozinhas. [...] Neste movimento, percebe-se que Ogum instiga as pessoas a caminharem juntas e unidas na busca de vitórias. [...] Iansã: Representa o vento, a força das tempestades e dos raios, carregando em sua mão um urixim (eruesin), instrumento feito de rabo de cavalo e cabo de osso, usado para espantar moscas, mas também símbolo que representa um chicote no qual ela afasta os eguns (espírito de pessoas desencarnadas). Quando os iniciados dançam para Iansã, observa-se que suas mãos estão em constante movimento, como se uma espada estivesse cortando o ar. [...] Xangô era considerado rei em todas as nações, por isso os filhos dançam fazendo um movimento como se suas mãos estivessem em equilíbrio, lembrando uma balança (SILVA, 2017. p. 27-31).

Desse modo tem-se a apresentação dos primeiros Orixás do panteão do batuque, no qual são eles responsáveis por nos defender de todas as guerras espirituais que podem estar em nosso caminho. O autor ainda prossegue em sua narração das danças em falar que

Odé e Otim: Odé simboliza o caçador que, em sua caminhada, toma rumo desconhecido pela floresta em busca de alimento para seu povo. Mostra que nessa jornada nunca está só existindo sempre a companhia de alguém que possa nos amparar, figura essa representada pela cuidadosa Orixá Otim. [...]. Orixás da fartura e abundância, Odé e Otim suprem o alimento do corpo e do espírito. Logo, o movimento que se observa na evolução dos toques para estes orixás, é feito com os dedos das duas mãos, lembrando estilingue, ambos instrumentos de caça. [...] Obá: Dona da roda, representa o fluxo contínuo e a certeza de que nada deve ser parado ou estagnado, permitindo que as coisas fluam. Nos toques [...], num primeiro momento, o movimento que lembra o bater de um pilão. [...] Na evolução do toque, observa-se o movimento dos antebraços colocados paralelamente ao corpo e as mãos realizando movimentos circulares em sentido horário e antihorário, como se estivesse enrolando e desenrolando algo. (SILVA, 2017. p. 32-34)

Estes Orixás agora citados são responsáveis por trazer a abundância e a fartura para as vidas dos iniciados na figura de Odé e Otim. Já na figura de Obá ela é responsável por estar renovando os ciclos de nossas vidas, por isso o uso da dança mexendo com um os braços, pois passa essa ilusão de movimentação da vida e de não estagnação.

Ossãe: Senhor das ervas medicinais, Orixá responsável pela vitalidade, representa um dos médicos da religião. Na dança em homenagem a esse Orixá, usam-se os dedos gesticulando-se como se batendo em uma folha para fazê-la cair no chão. Em outro momento, o movimento feito revela o Orixá como tendo apenas uma única perna. [...] Xapanã: Senhor da morte, ele carrega consigo o peso das epidemias e o conhecimento de como erradicá-las. Ao dançar para este Orixá, o gesto feito equivale àquele realizado quando se empunha uma vassoura para varrer o chão. No movimento, segura-se a saia, ou a bombacha, deixando claro que nada pode ficar escondido e que ao varrer o chão, faz-se uma limpeza espiritual, permitindo a esse Orixá nos impregnar com seus fluidos positivos, aliviando o ambiente e seus filhos de cargas negativas. Ao dançar para Xapanã, devem ser feitas preces de saúde e vitalidade, que serão alcançadas. [...] Ibejis: Orixás infantis. [...]. Durante a dança, as duas mãos são levadas ao alto, com as palmas voltadas para cima, simbolizando um pedido de misericórdia ao Orixás. [...] Oxum: Senhora das cachoeiras, rios e lagos, representa a vaidade. Para homenageá-la dança-se como se olhando um espelho e, em outro momento, arrumando os cabelos. [...] Iemanjá: É mãe, figura que amamenta, gera, cria e educa. Na dança, o primeiro movimento é cadenciado, uma alusão àquilo que o mar tem a nos oferecer. Em seguida, vemos uma coreografia que nos lembra as forças das ondas. Os movimentos com os braços parecem abrir as águas do mar ou, até mesmo, recebê-lo à nossa volta. [...] Oxalá: Pai de todos os Orixás, cujo saber e conhecimento acumulado ao longo do tempo são transmitidos aos filhos. A dança para Oxalá é a última da ritualística e manifesta-se com movimentos calmos, pois após a longa caminhada, esse é um momento de desaceleração e de reflexão acerca de tudo que aconteceu ao longo da caminhada. (SILVA, 2017. p. 35- 41)

Neste último bloco de descrição, o autor trás os responsáveis pela cura, na imagem de Ossãe e Xapanã, pois estes Orixás desempenham o papel de ser recorrido para que sempre proteja os seus filhos das mazelas da doença. Já os Ibeijis são os protetores das crianças, e são responsáveis por atribuir a doçura infantil nas nossas vidas. A Oxum cabe a responsabilidade do amor em todos os parâmetros, principalmente ao amor-próprio, já que ela é dona da beleza e a ela é recorrente a procura para melhora de estima, também Orixá dona do ouro e da riqueza, neste momento os adeptos usam para pedir prosperidade em seus empregos. A Iemanjá, considerada a mãe de todos os Orixás, é responsável por trazer aos seus filhos o discernimento em seus pensamentos e a doçura de mãe, a ela sempre rogamos para que possamos saber tomar as decisões mais sábias em nossa vida. E, por último, dança-se ao Orixá Oxalá, momento que os fiéis pedem ao pai de todos os Orixás que ele esteja antecedendo o caminhar de cada um trazendo muita paz.

É no Batuque que as comidas são servidas para os Orixás e para as pessoas que se fazem presente, assim Marília Floôr Kosby (2015) traz que

Sendo a vida um fenômeno coletivo, na cosmovisão afro-brasileira, o axé deve estar em constante fluxo, tocando outras existências, criando relações. Assim todos os agrados, tudo que se oferece ocorre no sentido de aproximar cada vez mais orixás e filhos; e o elemento que faz este papel é a comida cozida, feita dos melhores ingredientes, escolhidos com minúcia, picados delicadamente e dispostos da forma mais agradável possível aos olhos e ao paladar. (KOSBY, 2015. p. 35-36)

O momento de servir a comida é realizado pela busca de travar uma comunhão com os Orixás, posto que o que é ofertado a eles dentro do quarto de santo, para o seu alimento astral, é ofertado a todos os iniciados da casa, estejam ele ocupados com o seu orixá ou não, e também para o restante da comunidade. Isto reforça um laço de todos estarem coabitando no mesmo espaço.

As festas de Batuques podem ocorrer de formas distintas, sejam elas uma quinzena, forma no qual chamamos os batuques em homenagem a uma data específica e particular, ou os batuques que fazem parte do preceito que envolve a obrigação de Quatro pé. Aqui eu irei relatar os pratos realizados para os batuques que seguem o fundamento do Quatro Pé, já que eles são dois ao total, um destinado a comidas salgadas é chamado Batuque de Guerra, ou Batuque da Balança, e o segundo é chamado de Batuque do Peixe, ou Batuque do Pai Oxalá.

O Batuque de Balança é assim chamado porque no decorrer da festividade na escala do Pai Xangô, é realizada uma pausa para realizar um preceito que é

considerado como uma forma de saberem se a obrigação está correndo com plenitude. Neste momento, os iniciados que já passaram pelo preceito do quatro pé se colocam no meio do salão formando uma roda correspondente aos dias da semana que o seu Orixá responde, (sendo assim na Segunda-feira ficam os filhos de Bará, Ossãe , na terça-feira: Xangô e Iansã, na quarta-feira: Oxalá, Xapanã e Obá, na quinta-feira: Ogum. sexta-feira: Iemanjá, Bará (aqueles que os filhos carregam o corpo de Iemanjá), Odé e Otim, Sábado: Oxum e Domingo: Oxalá), nesta ordem se fecha um ciclo no meio do salão com o número de participante mínima de 12, assim indo com múltiplos de seis. Todos se dão as mãos e ao som dos tambores de rezas as pessoas começam andar para frente e para trás, e os Orixás começam a se manifestar nesse momento. É necessária muita atenção de todos, pois essa corrente de mãos não pode ser quebrada. (diário de campo: 04/12/2022)

O Batuque do Peixe recebe este nome, porque após quatro dias de obrigação é realizado a *levantação* do quatro pé, momento este que os animais sacrificados que ficaram por quatro dias dentro de vasilhas no quarto de santo são plantados no jardim ou área externa da casa, feito isso ocorre a obrigação do peixe. Um momento simbólico onde peixes são cortados em oferta ao Pai Oxalá, que ele possa então estar trazendo clareza, misericórdia e muita prosperidade a todos que estão envolvidos na obrigação. (Fala da Mãe Preta - Diário de Campo: 23/10/2019)

No primeiro Batuque é onde as carnes dos animais sacrificados são ofertadas aos Orixás, dos bichos de quatro pé é realizado churrasco de suas partes, sendo que os seus miúdos (coração, fígado, rim, e tripa gorda) são picados e refogados, fazendo assim o prato chamado sarrabulho. Seguindo a lógica, cada Orixá tem o seu animal de quatro pé, e cada Orixá também tem o seu sarrabulho.

Quanto as aves, estas geralmente são assadas inteiras, principalmente o casal de patos que são ofertados aos outros Pais de Santos que estão visitando a casa, como forma de agradecimento e possa estar levando também consigo, ao retornar para casa, o axé de abundância e fartura. Isso aglutinado com o seu mercado²².

O quarto de santo nesse período de festa é enfeitado com cortinas e imagens e as comidas são depositadas em cima de uma toalha branca, e esses alimentos ficam ali no decorrer de toda a festa, além dos alimentos assados, se vê também

²² Mercado é a forma que os adeptos chamam a quantidade de comida distribuída para as pessoas presentes nos festejos, assim elas poderão levar para a suas residências. (Diário de Campo 23/10/2023)

polentas, Amalá²³, batata doce fritas²⁴, acarajés²⁵, os sarrabulhos, Omolocum²⁶, pipoca²⁷, bifés fritos²⁸, atã²⁹, carne de porco³⁰, linguiça com farofa³¹, neste primeiro batuque também são servidos doces em caldas de figo, pêsego e abacaxi³², e como confeitaria um bolo.

Figura 6: Amalá de Xangô



Fonte: Acervo pessoal (Registro 04 de dezembro de 2021)

O segundo Batuque acontece após uma mesa de Ibeijis. Nesta mesa é depositado um pano branco no centro do salão onde ficarão sentadas em sua volta somente as crianças, bem como as mulheres gestantes. O ritual é destinado às

²³ Prato favorito do Orixá Xangô, consiste em um pirão de milho com o refogado do espinhaço de carneiro destinado a ele na obrigação, logo após são colocados ou um refogado de mostarda ou de repolho, com bananas na volta e maçã no centro, e laranja.

²⁴ Prato destinado a Orixá Iansã

²⁵ Os Acarajés são destinados aos Orixás Iansã e Oxalá, o processo ritualístico para o preparo deles consiste em alguns detalhes, por exemplo as pessoas que estão envolvidas no seu preparo devem ser prontas na religião, bem como o local deve se manter em silêncio pleno no período que eles estão sendo realizados. Mãe Preta geralmente escolhe dois filhos para realizarem a feitura deste prato, já que ela diz que é o momento no qual exige maior concentração e também que os pensamentos positivos no momento do preparo são crucial para que ele saia corretamente. (Diário de Campo: 21/10/2923)

²⁶ Omolocum é o prato destinado a Oixá Oxum, que consiste em um refogado de feijão miúdos cozidos.

²⁷ Prato destinado ao Orixá Bará

²⁸ Prato destinado ao Orixá Bará

²⁹ Atã, também conhecido como Garapa, é uma bebida realizada com base de Xarope de groselha, onde são picadas frutas diversas e misturada com este xarope, água e açúcar. Bebida destinada ao Orixá Ogum

³⁰ destinados aos Orixás Odé e Otim, geralmente são assados e servidos em pedaços

³¹ Prato destinado ao Orixá Ossãe

³² Esses doces em caldas são destinados aos Orixás Ossãe, Oxum e Obá.

crianças, como mencionado anteriormente, o Ibejis nada mais é do que a representação das crianças dentro do panteão do Batuque. Neste momento, os Orixás vêm à terra nos corpos de seus filhos para poderem abençoar as crianças que muito provavelmente serão o futuro da religião. É quando as crianças comem a canja³³ e depois os doces que estão no centro da mesa são distribuídos para as crianças, então os Orixás retiram a toalha (mesa) que está no chão, vão até a porta da frente do salão, até os tamboreiros como forma de agradecimento e de graça pelo momento, e levam a toalha até o quarto de santo onde ela ficará guardada.

Figura 7: Mesa de Ibeji realizada no Reino de Ogum, Iansã e Exú Tiriri



Fonte: Registro Pessoal (17 de outubro de 2020)

Após ser realizado esse ritual, passamos então ao segundo Batuque, que é destinado ao Orixá Oxalá, que é conhecido como Batuque doce. É nele que todos os adeptos devem estar preferencialmente trajando roupas brancas, pois o ideal é que o Batuque seja para pedir piedade, paz e misericórdia. Este Batuque também é usado para apresentar os axés como o de facas e o de búzios, usado para realizar o preceito de liberar a fala do Orixá. Este último momento é de total segredo,

³³ Este prato é destinado aos ibejis e feito com as garnizés que são ofertadas ao Pai Xangô de Ibeji e a Mãe Oxum e Ibeji

considerando que as pessoas que entram para a sala destinada a realizar este preceito são pessoas já mais velhas, com longa trajetória religiosa, e com eles também entram os Orixás que já receberam este Axé para poder auxiliar aqueles que estão sendo presenteados. Este axé também envolve o alimento, pois segundo Mãe Preta os Orixás devem comer certas comidas de forma que provem a veracidade de sua possessão plena em seu filho. (Diário de Campo: 21/10/2023).

Este preceito é considerado um grande segredo dentro da religião, por este fato não se obteve maiores informações sobre como é realizado, já que Mãe Preta sempre preza para não perder os costumes da religião de que foi ensinada.

Neste último Batuque, também são depositadas no quarto de santo as comidas dos Orixás, no mesmo esquema que do primeiro, só que neste se prioriza os doces, sendo assim o doce de coco³⁴, doce de batata³⁵, doce de abóbora³⁶, amendoim doce³⁷, sagú³⁸, bombons, doces enlatados (os mesmos do primeiro), pirulitos, cestas de balas, bolos, maçãs do amor³⁹, canjica branca doce⁴⁰, bem como refrigerantes que são distribuídos aos Orixás após eles estarem no momento de axerô⁴¹.

Outro momento muito importante nesse último Batuque é o Ala do Pai Oxalá, onde no momento que se realiza o toque das rezas deste orixá, é estendido um pano branco no meio do salão onde todas as pessoas devem passar por baixo, pedindo saúde e muita paz em sua trajetória, e que todos os seus atos estejam sendo tomadas com paciência e resiliência, já que esses são os dons que este Orixá é designado.

Após o encerramento do Batuque, os filhos de santo, irmãos, afilhados pegam os alimentos que estão dentro do quarto de santo e começam a distribuir para a população que acompanhou o festejo, neste momento também se percebe a maior

³⁴ Destinado a Orixá Iemanjá

³⁵ Destinado a Orixá Iansã

³⁶ Destinado a Orixá Oxum

³⁷ Destinado ao Orixá Xapanã

³⁸ Destinado ao Orixá Xapanã

³⁹ Destinados a Orixá Iansã

⁴⁰ Destinado ao Orixá Oxalá

⁴¹ Axerô é o momento no qual o Orixá compartilha o espaço com o seu filho em seu corpo, assim eles tomam aspecto infantil e brincalhão. Mãe Preta acredita que é nesse momento no qual os Orixás trabalham com a cabeça do seu filho para poder armazenar informações necessárias no momento que ele esteve tomando conta do corpo pelo processo de ocupação, assim é uma medida justificável para que o cavalo de santo não desconfie que recebeu o seu orixá.

interação entre os humanos e os Orixás, já que eles costumam conversar com todas as pessoas que os procuram em busca de um conforto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre digo que este tema de pesquisa nasceu muito antes da minha escolha pela Licenciatura em História, posso dizer que foi ela a minha maior motivação por ter escolhido esse campo de atuação, pois sempre senti a necessidade de contribuir com os registros das africanidades e religiosidades afro-diaspórica dentro da cidade de Arroio Grande, contribuindo para que as pessoas que tiverem contato com essa monografia possam perceber esta cidade também como negra e batuqueira.

Nesta monografia se viu, a todo momento, os cultos mais imprescindíveis dentro de uma casa de culto aos Orixás, que são as oferendas e as sacralizações. Tentei descrever os rituais e seus preparativos da forma mais didática possível com a intenção de desmistificar possíveis preconceitos com as religiões de matriz africana, especialmente sobre os animais envolvidos nessas ações, que são muito bem cuidados e tudo que advém deles se torna alimento, exceto o couro que é utilizado para confeccionar tambores que serão utilizados posteriormente nos rituais de Batuque.

Realizei um pequeno ensaio na monografia, pretendo prosseguir em outro momento com a pesquisa sobre a relação do sangue neste culto, bem como trazer outras expressões religiosas que também usufruem deste método para revitalização do corpo e como oferenda aos deuses.

Para pensar o Batuque busquei compreender a dinâmica no local mais precioso dentro de um terreiro: a cozinha. É nela que todos os axés (alimentos) são preparados, seja para realizar uma oferenda diretamente aos Orixás, seja para o preparo da comida que será, além de ofertada aos deuses africanos, distribuída às pessoas que se fazem presente nos preceitos.

E também busquei dialogar com outros estudiosos da temática, bem como a Marília Flôor Kosby, que trás as informações que vão de encontro com a ideia do pertencimento negro na produção de doces, onde as literaturas até então defendiam ser um pertencimento totalmente lusitano, assim trago os alimentos além dos doces para esse dialogo, na tentativa de estreitar ainda mais a ideia de pertencimento negro nestes espaços apresentada por ela.

Pensar na cozinha é também pensar nas pessoas e os corpos que, por muitas vezes, foram responsáveis por ocupar esse determinado espaço, sendo assim a Iya Sandrali e Iya Winnie fala que

Cozinha espaço considerado de menos valia sob o ponto de vista do conservadorismo colonialista da sociedade brasileira sendo marcado como lugar de negra subalternização e humilhação de pessoas, sobretudo da maioria das mulheres” (OSUN, I.S. YEMONJÁ. I. W. 2017 p. 722).

Esta ideia vai ao encontro com a vivência da Mãe Preta D’Ogum, mulher negra, mãe de seis filhos e que dedica a sua vida há mais de quarenta anos à religiosidade, sua experiência se deu inicialmente dentro da cozinha. Em seus relatos podemos perceber que ela se fazia presente e necessária no início da trajetória de sua mãe de Santo Ema D’Xangô quando esta veio para Arroio Grande.

Mãe Preta hoje é a Mãe de Santo mais antiga da cidade, afirma que deve todo esse ensinamento aos seus antepassados religiosos que a auxiliaram na construção da Yalorixá que se tornou hoje. Percebemos que essa gratidão é sempre apontada em suas falas, tanto em momentos de conversas com os seus filhos, como também em momentos que precisa proferir a palavra em locais públicos.

Com essa visibilidade no campo religioso, Mãe Preta também ocupa inúmeros espaços de resistências, sempre se faz presente nos eventos da Semana da Consciência Negra de Arroio Grande, assim como, é figura reconhecida pelo seu envolvimento com o carnaval, sendo torcedora assídua da Escola de Samba “Samba no Pé”, participe da agremiação desde sua fundação.

Registrar essa memória, bem como o funcionamento do Reino Africano de Ogum, Iansã e Exú Tiriri foi um pouco custoso, já que a todo momento me sentia inserido no campo da pesquisa, por que além de estar registrando parte de uma trajetória de vida, estava também registrando a minha própria história, pois como filho de santo da casa me senti a todo momento pertencente a esta pesquisa...

Chegar no final desta monografia fez com que me deparasse com outras inquietações que giram em torno do alimento dentro da casa de religião, bem como o uso de termos com outras conotações, como por exemplo a forma no qual os filhos da casa são distintos por “filhos de mel” e “filhos do dendê”, a primeira se dá aos Orixás Oxum, Iemanjá e Oxalá, estes são considerados Orixás de mel e por isso eles tendem a ser mais delicados quando submetidos a alguns tipos de momentos e situações já os demais santos, ditos os de “dendê”, são raros os momentos no qual não podem participar. Assim, levando em consideração que os humanos tomam as

características de seus Orixás, percebe-se que a Mãe Preta tem esse cuidado com os seus filhos, onde em certos momentos ritualísticos ela procura não ter participação de certos filhos, geralmente os filhos de Orixás do mel, pelo zelo do que pode vir acontecer e prevenir para que não acarrete algum problema maior posteriormente.

Pensando nesta distinção, também notei que há uma distinção de gênero, considerando que nas casas que fomos visitar durante a construção desta pesquisa podemos perceber que os homens e as mulheres ficam separados na roda do batuque, onde há momentos da festividade, principalmente ligado ao Orixá Bará Lodê, onde somente os homens podem participar e dançar para este Orixá. Desse modo, abre-se um leque para a discussão de gênero dentro das casas de religião, posto que se percebe o terreiro como um lugar de acolhimento, portanto, observa-se complexas subdivisões e, inclusive, alguns estranhamentos.

Vejo que este trabalho se configura como “um ponta pé” inicial para pensar outras formas de abordagem dentro do Batuque, onde para além de pensar no alimento e no que acarreta, pode-se pensar nas inúmeras contribuições culturais, nas vestimentas e no modo de agir dentro de um terreiro, entre outras, afinal, o terreiro de Batuque é um campo infinitas possibilidades de pesquisa.

Por fim, este trabalho é acima de qualquer coisa um pequeno registro da história da religiosidade afro na cidade de Arroio Grande, onde trato um pouco de nossa ancestralidade, nossos saberes, nossos costumes e nossa solidariedade, pois quando se é escolhido por um Orixá e você entra para uma casa de Batuque, junto com isso você ganha amigos, irmãos e uma família. O significado do amor e da fraternidade se encontram e dão um sentido totalmente diferente neste espaço. E somente quem é de axé pode entender!

REFERÊNCIAS

- AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *et al.* Territórios Negros em Jaguarão. organizadores. – Jaguarão, RS: Unipampa, 2022.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira** / José Carlos Gomes dos Anjos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Cultural Palmares, 2006.
- CARATTI, Jônatas Marques. **O Solo da Liberdade: As trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1862).** 2. ed. São Leopoldo Oikos; editora Unisinos, 2023
- CAROSO, Carlos. **Autoetnografia e memória: demônios e alteridades da vida acadêmica.** Salvador: Ufba, 2019
- CARNEIRO, Henrique S. (2003). **Comida e sociedade: uma história da alimentação.** 3ª ed. Rio de Janeiro, Elsevier.
- CORREA, Norton Figueredo. "A Cozinha é a Base da Religião": A Culinária Ritual no Batuque do Rio Grande do Sul. **Arquivo Brasileiro de Alimentação**, Recife, v. 1, n. 2, p. 116-127, 2017. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/ABA/index>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- CORREA, Nelson Luís. **EXPERIÊNCIAS E SENSações: UM ESTUDO DE CASO EM UM TERREIRO DE CANDOMBLÉ ANGOLA NA CIDADE DE JAGUARÃO.** 2017. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2017.
- CAVALCANTE, José Luiz. A Lei de Terra de 1850 e a Reafirmação do Poder Básico do Estado sobre a Terra. **Revista Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo do Estado. São Paulo.** Edição nº 2, Ano 1, Junho. 2005. Pag. 2. Disponível em: 5822 . Acesso em 25 de novembro de 2007.
- DE SOUZA NUNES, Marcus Vinicius. (2021). **Ritualidades do Mistério Pessoal: o segredo de orixá no Batuque afro-sul.** *Revista Calundu*, 4(2), 14.
- HUBERT, Stefan. (2011). **Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras.** *Primeiros Estudos*, (1), 81-104. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-2423.v0i1p81-104>
- KOSBY, Marília Floôr. **Nós cultuamos todas as doçuras: as religiões de matriz africana e a tradição doceira de Pelotas.** Porto Alegre: Após Coup - Escola de Poesia, 2015.
- LONER, Beatriz Ana. Negros:: organização e luta em pelotas. **História em Revista: dossiê etnias, Pelotas**, v. 5, n. 1, p. 1-17, set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/12080>. Acesso em: 20 maio 2023.

MORAES, Leo Francisco Siqueira de. **“Filho de santo de bombacha, Ogum comendo churrasco”**: O Batuque de Porto Alegre como patrimônio cultural afro-brasileiro (1982-2018). 2020. 109 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020

NUNES, Maria Helena. Custódio Joaquim de Almeida: Um príncipe africano no sul do Brasil. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. **Memória Afro-Brasileira**: imaginário, cotidiano e poder. São Paulo: Selo Negro, 2007. p. 109-150.

ÒSUN, Ìyá Sandrali de; YEMANJÁ, Ìya Winnie de. ME VEJA UM PRATO SAGRADO! A IMPORTÂNCIA DO PROCESSO DE PREPARO DOS ALIMENTOS NOS TERREIROS NO RIO GRANDE DO SUL. In: **CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO**, 5., 2017, São Leopoldo. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Est, 2017. p. 717-729.

ORO, Ari Pedro. **Religiões Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul**: Passado e Presente. In: Revista Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº2, 2002. pp.345-384

SANTOSA, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafio. **Plural, Revista do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Usp**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SANTANA, Ingrid Adrielle Souza de.Freitas. **Codiname Macumba: A vida na tenda da nação africana do Pai Oxalá e suas Estruturas Sagradas**. 2019. Dissertação (mestrado em Antropologia) - Area de Concentração em Arqueologia. Universidade Federal de Pelotas

SANTOS, Bruno Barros dos. Veras, Rogério de Carvalho. Maria Bonita de Tocantinópolis: História de Vida de uma Mãe-de-santo do norte Tocantinense. **Revista Escritas do Tempo**, v. 2, n. 4, p. 222-245

SCHERER, Jovani de Souza. Weimer, Rodrigo de Azevedo. No refluxo dos retornados: Custódio Joaquim de Almeida, o príncipe africano de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS, 2021

SCHRODER, Victor Faria. A produção do Espaço: Geografia histórica da cidade de Arroio Grande. 2. ed. Arroio Grande: **Biblioteca Pública Zélia Lisboa Sobral Soares**, 2023.

SILVA, Paulo Roberto. **Batuque**: Seus encantos e rituais. 2. ed. cidade: Legião Publicações, 2017

SILVEIRA, Hendrix Alessandro Azorena. **“Não somos filhos sem pais”** - história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul. São Leopoldo. 2014o

SPERONI, Aline. **Religiões Afro-Gaúchas no Ensino de História**: batuque, umbanda e linha cruzada. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018

ANEXOS

IMAGENS REFERENTE AO QUARTO DE SANTO EM DIAS DE FESTAS

